

Revista da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

Apoio cultural:

Prefeitura Municipal de Campo Grande.

Distribuição gratuita.



Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

n. 10

Agosto de 2006

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

A Revista da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras
foi criada em 2003, na presidência
do acadêmico F. Leal de Queiroz.

Seleção, diagramação e revisão:
H. Campestrini.

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Rua Rui Barbosa, 2.624 – fone/fax (67) 382-1395
79002-365 Campo Grande MS
www.acletrasms.com.br
end. eletr.: acletrasms@acletrasms.com.br

Apresentação

Tenho o prazer de apresentar o número 10 da Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, contendo textos sobre Campo Grande, como homenagem da Academia à capital de Mato Grosso do Sul, no mês em que esta completa 107 anos.

O escritor homenageado não poderia ser outro senão Paulo Coelho Machado, o “cronista-mor desta vila de Campo Grande”. Foi ele quem mais pesquisou e escreveu sobre nossa cidade. A série *Pelas Ruas de Campo Grande*, única, sem par, é o registro da vida de todos aqueles que ajudaram a construir a cidade.

Os textos que figuram na antologia apresentam, sobre a cidade, aspectos principalmente históricos, alguns pouco conhecidos, escritos por nossos bons escritores.

Devo esclarecer que, a partir do número 9, a Revista abandonou, por motivos de força maior, a sua periodicidade, de três em três meses. Continuará, todavia, sendo editada.

Encerrando, deixo o agradecimento dos membros da Academia ao sócio Hildebrando Campestrini, que garantiu, até o momento, a regularidade da Revista.

Campo Grande, agosto de 2006.

Reginaldo Alves de Araújo
Presidente

Sumário

Paulo Coelho Machado

- . *O Fecha Nunca* – 13.
- . *A viuvona* – 15.
- . *Uma invasão de bandoleiros* – 16.
- . *Alma do Brasil* – 18.
- . *Tragédia de Rochedo* – 23.
- . *O comerciante Simão Abrão* – 24.
- . *Dona Herondina* – 26.
- . *A Rua Rio Branco* – 29.
- . *Pólvora x Veneno* – 31.

Antologia

- . 26-8-1899. *Abílio Leite de Barros* – 35.
- . *Campo Grande, cidade sem fronteiras.*
Maria da Glória Sá Rosa – 38.
- . *A vila. Temístocles Pais de Sousa Brasil* – 40.
- . *Camalotes e guavirais. Raquel Naveira* – 44.
- . *Conceição. Raquel Naveira* – 47.
- . *Campo Grande, curiosidades históricas.*
Hildebrando Campestrini – 49.
- . *Primórdios do futebol campo-grandense.*
Reginaldo Alves de Araújo – 55.
- . *Gonçalves, o maior volante do E.C.Comercial.*
Reginaldo Alves de Araújo – 57.
- . *Tenente Constantino. Ulisses Serra* – 60.
- . *Árvores de Campo Grande. Ulisses Serra* – 62.

- . Eliseu e a santa. *Ulisses Serra* - 64.
- . As quaresmeiras em flor.
 Zorrilo de Almeida Sobrinho - 67.
- . Campo Grande. *Guimarães Rocha* - 68.
- . A noite testemunha. *Guimarães Rocha* - 69.
- . Rio Campo Grande MS. *Guimarães Rocha* - 70.
- . Tardes de Campo Grande. *Rubenio Marcelo* - 71.
- . Pequeno canto para Campo Grande.
 Rubenio Marcelo - 72.
- . Primórdios de Campo Grande. *Rosário Congro* - 73.
- . A influenza espanhola. *Rosário Congro* - 78.
- . Prof. Múcio Teixeira Júnior.
 Maria da Glória Sá Rosa - 80.
- . O município de Campo Grande.
 Arlindo de Andrade Gomes - 84.
- . A Campo Grande. *Armando da Silva Carmelo* - 88.
- . A ti, Campo Grande. *Armando da Silva Carmelo* - 89.
- . Campo Grande, cidade cosmopolita.
 Tertuliano Amarilha - 90.
- . A casarão da Afonso Pena. *Nelly Martins* - 91.

Pérolas da Poesia Brasileira

Acrobata da dor...*

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos, e convulsionado
Salta, *gravroche*, salta *clown*, varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! Retesa os músculos, retesa,
Nessas macabras piruetas d' aço...

E embora caias sobre o chão fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Caminho da glória

Este caminho é cor-de-rosa e é de ouro,
Estranhos roseirais nele florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro
Pelo qual tantas almas estremezem;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
Neste celeste, límpido caminho

Os seres virginais que vêm da Terra,
Ensangüentados da tremenda guerra,
Embedadados do sinistro vinho.

O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema,
A terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado
De belezas eternas, pouco a pouco.

Na natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Triunfo supremo

Quem anda pelas lágrimas perdido,
Sonâmbulo dos trágicos flagelos,
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

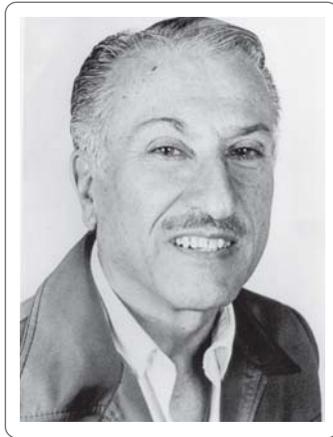
É quem ficou do mundo redimido,
Expurgado dos vícios mais singelos
E disse a tudo o adeus indefinido
E desprendeu-se dos carnavais anelos!

É quem entrou por todas as batalhas
As mãos e os pés e o flanco ensangüentando,
Amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!

* As poesias são de Cruz e Sousa.

Homenagem a



Paulo Coelho Machado

Nota.

Os textos que figuram nas páginas 13 a 32 são de Paulo Coelho Machado.

O *Fecha Nunca*

Por volta de 1909 surgiram na Rua 7 de Setembro os primeiros cabarés, bares, bilhares entre as raras residências e também algumas pensões de mulheres, onde se reuniam os peões de boiadeiros e mascates que aqui aportavam. É desse tempo a abertura de uma casa noturna, que marcou época em Campo Grande e de muito longa vida: o *Fecha Nunca*.

A casa foi edificada para o fim a que se destinava, por um sírio procedente de Uberaba, que adotou a planta de um cabaré lá existente, no bairro do Babularê, zona do baixo meretrício.

Ficava aberto dia e noite. Nos primeiros tempos era freqüentado por famílias durante umas horas, transformando-se depois em lupanar.

Em 1912 foram exibidos, com muito sucesso, alguns filmes pelo cinematógrafo Rafael Orrico, que os mostrara em primeira mão no hotel Democrata, de Francisco Torrezão, na Rua do Padre. Primeiro cinema animado de Campo Grande, depois dos simples “retratos móveis” do Chico Fonógrafo.

Segundo o depoimento de Valério d’Almeida, toda vez que começava o espetáculo, surgia na tela um cavaleiro vestido à Luís XV, que, tirando o tricórnio todo emplumado, reverenciava-se e dava à platéia um cerimonioso *boa noite*, em letras garrafais.

Em seguida, vinham as comédias satíricas de Max Linder, os dramalhões de Francesco Bertini e Zanconi, ou então as fantasias da Pathé. Dentre estas sobressaía, pelos seus truques *O bruxo árabe*, na qual um indivíduo vestido à oriental, num belo jardim ao luar, sacava de um alfange, feria com sua ponta o solo e em cada lugar surgia uma odalisca vaporosa, em voluptuosos saracoteios e mágicos bailados.

O prédio do *Fecha Nunca* tinha fachada modesta, quadrada, no nível da rua. Dentro, um salão enorme, algumas salas e vários quartos. O quintal, grande e cheio de velhas mangueiras. A frente, pintada de verde, não possuía qualquer tipo de decoração.

O cabaré, que teve bons e maus tempos, era famoso no Estado todo e até fora, pois muitos ádvenas perguntavam, de chegada, onde ele ficava. Tudo acontecia ali. Até reuniões familiares, encontros escandalosos ou discretos, jogo, *shows*, cinemas, muita música, bar sortido e bem atendido, crimes e tragédias, além das festas extraordinárias e comemorativas, que freqüentemente se realizavam. Os maiores acontecimentos eram anunciados por meio de fogos e rojões ou mesmo tiros de revólver.

Tempo houve em que freqüentava o local uma jovem considerada mais bela da zona. Muita branca, cabelos negros, olhos grandes, com ar tímido, parecendo guardar algum segredo na vida. Educada, demonstrava nível social diferente das outras. Por isso ganhou o apelido de *Não me toque*. Com essa atitude recatada e distante despertou a cobiça dos homens e o ódio das mulheres.

Os freqüentadores do cabaré, de um modo geral, eram pessoas rústicas, que não sabiam expressar seus sentimentos senão diretamente, sem rodeios. Um dia apareceu um caixeiro viajante, desconhecido na cidade, de nome Simplício. Um rapaz esbelto, de fisionomia simpática, rosto glabro e pálido. Encantou-se pela jovem e fez-lhe a corte de maneira suave e educada. Bebia com ela, conversando longamente, conquistando-a aos poucos até que um dia foram vistos abraçados numa pensão vizinha do *FechaNunca*.

Um mulato parrudo e lustroso, de olhos verdes, cujo nome foi perdido, danou-se de ciúmes. Ele tentara de balde aproximar-se da *Não me toque*. No dia seguinte o casal entrou no cabaré. A moça, com ar diferente, mais alegre, confiante. O rapaz, solícito, assobiando uma canção popular. Felizes ocuparam o local de costume, quando o mulato se aproximou à mesa do casal. Simplício levantou-se e convidou a moça para mudar de mesa. O intruso, exasperado, espumando de raiva impotente, agride o jovem viajante, de compleição corporal muito inferior, esmurcando-o brutalmente, sem emitir uma palavra.

Dias depois, numa madrugada chuvosa, o mulato apareceu morto, coberto de lama, numa sarjeta da Rua 7. Nunca mais se ouviu falar do viajante e sua companheira. Também ninguém se preocupou com o fato.

(A RUA ALEGRE)

A viuvona

O cabaré *Fecha Nunca* esteve arrendado durante algum tempo à célebre Viuvona, de quem já fiz o retrato ao falar da Rua 26 de Agosto, a Rua Velha.

Com ela moravam as filhas Geraldina, Marcolina e Querubina, todas muito atraentes e algumas protegidas, como a Cármen, considerada a mais encantadora: clara, olhos e cabelos negros ondulados, nariz arrebitado, vivacidade de gestos, ligeiros sinais de catapora no rosto, que lhe davam certo charme, conversa agradável e, sobretudo, simpática; a Carmelita, morena de pequena estatura, olhos miúdos, sobrancelhas grossas e ainda uma rapariga, que possuía todos os encantos da mulher árabe, conhecida pelo nome de Amélia Turca, já balzaquiana, mas enxuta: pele branca, olhos verdes amendoados, cabelos castanhos, longos, lábios grossos, rosto largo, de maçãs salientes, corpo cheio. Era a paixão de um vendedor de touros de nome Pautilde, que ao regresso de cada viagem, ia direto ao *FechaNunca* levar os seus presentes para a bela cortesã. Agradava também a Viuvona com as altas contas de consumo no bar.

Mas Amélia Turca era mesmo enrabichada pelo primeiro Rolim, o elemento mais velho do conhecido grupo dos irmãos Baianinhos. Num dia de maior movimento, o salão repleto, encontram-se o zebueiro e o rival, a mulher no centro. Poucas as palavras proferidas. Rolim sacou rapidamente o 44, que só não detonou, porque o Pautilde safou-se na hora, desaparecendo como por encanto. No salão, muitas risadas e uma salva de palmas para o ganhador da contenda.

A Viuvona, já envelhecida, encerrou seu negócio.

O *Fecha Nunca* foi vendido ao mineiro Bertolino Ferreira de Oliveira, que havia sido dono do cinema Rio Branco, na Rua 13 de Maio, um dos mais antigos da cidade.

Por questões de família, não muito bem esclarecidas, foi assassinado nas proximidades de sua residência, na Rua Antônio Maria Coelho, no ano de 1927.

Depois disso muitas brigas, desordens, crimes ali aconteceram ao som das sanfonas e violas. Em contraponto, grandes instantes de alegria e prazer, com as danças de catira, do xote, das polcas e rancheiras, em

meio à beberabebagem – cozinha medicinal (mixilanga, na Bahia), conversas sem fim e muita jogatina.

O jornal O Sul, de 1917, publicava diariamente o seguinte anúncio (*ao lado*):

CAFÉ FECHA NUNCA Rua 7 de Setembro Bebidas finas, leite, café, chocolates, ovos, bifes, comidas finas, a qualquer hora.

O *FechaNunca* e de resto todas as casas congêneres da Rua 7 de Setembro proporcionavam expansão do folclore paraguaio e sua incorporação ao nossos costumes, surgido que foi na fronteira.

A música nostálgica, cheia de mistério e romance, tocada por paraguaios vestidos a caráter, com harpa, guitarra e sanfona, é ouvida nas nossas casas noturnas, nos bailes de todos os salões. Diga-se de caminho que uma das guarânias mais bonitas e de maior sucesso foi composta pelo brasileiro Mário Palmério.

Também a culinária guarani entrou nos cardápios regionais, principalmente a sopa paraguaia e o locro.

Na indumentária vê-se o uso freqüente das faixas coloridas em torno da cintura dos homens do campo.

O *Fecha Nunca* foi vendido aos irmãos Kalil, Nicola e Manoel Gazal, que o exploraram por algum tempo. Fizeram dação em pagamento do prédio a Dib Jorge Abussafi, que alugou às próprias mulheres que lá habitavam.

Porque elas provocavam os filhos do Dib, ainda rapazotes, quando iam receber o aluguel, ele resolveu fechar definitivamente o estabelecimento, retornando-o para o comércio regular, na década de 50.

(A RUA ALEGRE)

Uma invasão de bandoleiros

Na esquina da 7 de Setembro com a 13 de Maio ficava a loja de Lucas Borges, o conhecido boadeiro de Uberaba, que fazia intenso comércio de bois magros na Vacaria. As comitivas traziam, em caravanas de numerosas carretas, as melhores mercadorias de Minas, como sal, arame, ferramentas, sementes, tecidos e levavam o gado de volta.

Lucas Borges, como tantos outros, resolveu estabelecer-se definitivamente aqui, por volta de 1911, montando sortido armazém, juntamente com o sócio José Ferreira, um sírio muito cioso de suas obrigações e que tomava conta da loja. Era empregado da casa o irmão do advogado Argemiro Fialho, de nome Olinto, menino na época, que me narrou o episódio que segue.

A cidade assistia tranqüilamente aos festejos de Santo Antônio, na única igreja existente, que regurgitava de gente, vinda de toda a parte. Havia um animado leilão de prendas e vendas da salgadinhos em benefício das obras do templo.

De repente, apareceram alguns homens estranhos, esquisitos, de melenas sujas, roupas empoeiradas e passaram a arrematar tudo que era de comer. O povo desconfiado começou a debandar, voltando a seus lares.

A cidade já mostrava ares de progresso e a Rua 7 de Setembro contava com poucas casas comerciais e alguns bolichos.

No dia seguinte, o grupo estranho ressurgiu. As autoridades e os políticos escafederam-se, sem meios de oferecer resistência e a cidade ficou inerme, entregue à própria sorte.

Pelas nove horas, os bandoleiros iniciaram o saque no comércio e uns quatro ou cinco elementos sujos, cabeludos e mal-encarados penetraram no loja de Lucas Borges & Cia. e intimaram o gerente, José Ferreira, a fornecer-lhes algumas mercadorias.

Um deles pediu chapéus de abas largas. O sírio, muito humildemente, afirmou que não trabalhava com esse tipo de mercadoria. Mas o jagunço correu os olhos pelas prateleiras, localizando as caixas e, puxando do machete, que tinha na cintura, deu um golpe rijo no balcão, gritando: – Desça essas caixas, seu turco sem-vergonha.

O gerente determinou que Olinto fizesse a vontade dos intrusos, que escolheram a dedo as melhores coberturas que encontraram, rindo, xingando e cuspiendo.

Aí pediram capas rio-grandenses. O gerente negou mais uma vez que as tivesse, mas a cena do machete se repetiu e Olinto teve que ir ao depósito, nos fundos da loja e exibiu a mercadoria, logo apropriada pelos

ferozes bandoleiros, que, antes de deixarem o local, foram apanhando lenços de seda, calças, camisas, guaiacas e tudo mais que encontraram.

Montaram em seus cavalos e partiram. A proeza foi repetida no estabelecimento de Abrão Júlio Rahe, assim como na maior parte das lojas da indefesa vila. Dois dias depois deixaram Campo Grande, identificado o bando como os famigerados Netos.

Não houve, entretanto, extorsão de dinheiro, nem desrespeito às famílias, ou qualquer outro ato de violência. Apenas pilhagem de mercadorias e de algumas reses para o churrasco, além de cavalos para renovação da tropa. Nem mesmo bebidas foram consumidas.

Encontraram na propriedade de João Carpinteiro um bonito garanhão branco, arraçoado, preso na soga. Um dos bandidos quis cortar o maneador, mas outro o impediu, querendo aproveitar a peça, e mandou que o laço fosse desatado da árvore. Ao se aproximar do local, um certo tiro o derrubou, o mesmo acontecendo com o comparsa. É que João Carpinteiro postara-se em local estratégico, disposto a não perder seu belo animal de estimação. Era um caboclo decidido e valente, já com algumas mortes nas costas. Montou no cavalo em pêlo e desapareceu, indo esconder-se na cidade. Os demais elementos do bando, quando encontraram os companheiros mortos, amarraram-nos pelos pés e mãos, enfiaram uma vara no meio e assim os corpos foram transportados para junto do antigo cemitério, na atual Praça Ari Coelho. Os corpos foram sepultados no cemitério novo e a cidade voltou à tranqüilidade.

Os bandidos não pensaram em represálias. Findo o episódio, as autoridades foram chegando à cidade, cada qual com uma desculpa mais esfarrapada para a conveniente ausência.

(A RUA ALEGRE)

Alma do Brasil

Foi das pensões alegres e dos cabarés agitados da Rua 7 de Setembro que saíram as mulheres que participaram do filme *Alma do Brasil*, sobre a Retirada da Laguna, realizado aqui em Campo Grande, por Alexandre Wulfes e Líbero Luxardo, tendo na equipe técnica Napoleão Leite e Valdir dos Santos Pereira.

O elenco era constituído por Otaviano Inácio de Sousa, o irmão mais novo (Daniel), Adolfo Marconi e a consagrada atriz portuguesa Conceição Ferreira.

A filmagem processou-se na Lagoa Rica e no garimpo de Piraputanga. Otaviano representava dois papéis: de um oficial médico brasileiro e de um lanceiro paraguaio. Daniel era major.

O General Bertoldo Klinger, comandante da Circunscrição Militar, deu todo o apoio à produção do filme, inclusive cedendo soldados e permitindo cenas das manobras militares de sua força.

As mulheres representavam as vivandeiras, que acompanharam a odisséia descrita por Taunay.

No dia da inauguração no famoso Cine Trianon, de Juvenal Alves Correia Filho, na Rua 14 de Julho, onde é hoje a Galeria São José, no ano de 1932, foram colocados dois canhões em frente ao prédio e alguns soldados ali permaneceram em posição de sentido.

Muitos foguetes foram disparados, como acontecia toda vez que era exibida uma boa película.

Daniel Inácio de Sousa ocupava-se dos projetores do Trianon. Depois adquiriu um cinema em Três Lagoas.

Como o filme era muito curto, o programa contou ainda com uma parte de palco em que Otaviano fez a apresentação, Conceição Ferreira cantou fados, enquanto o português Francisco Leal Júnior tocava sua guitarra. Um conjunto paraguaio ofereceu músicas típicas; Maria Elisa Campos cantou tangos e Ivã Medeiros fez algumas imitações. Ivã era cunhado do dono do cinema, muito inteligente e extrovertido, sendo sempre aproveitado nessas ocasiões, porque dispunha de talento teatral e verve humorística. Descendia do grande poeta corumbaense Pedro Medeiros.

Três mil réis era o preço do ingresso.

A população inteira de Campo Grande estava no Trianon, numa época em que todos se conheciam. Lá estava também um rapaz muito benquisto, irmão de Dona Constança de Barros Machado, um cuiabano de pequena estatura, conhecido por Pacu. Participara como ponta no filme. Todos gostavam dele, um boêmio cheio de graça, feliz, contador

de anedotas, requisitado entre a rapaziada da época, como o Clineu Moraes, Valério Costa, Estácio Trindade, Generoso Fontes, Everaldo Coelho, Elpídio Lemos, este chamado Roda Fina, porque dizia sempre que só sentia bem nas rodas finas da sociedade.

Quando passou a cena das vivandeiras, o Pacu reconheceu umas das mulheres, levantando-se deu o grito: Olha a Vitória! A platéia toda estourou numa só gargalhada.

Detalhes do filme foram pesquisados pelo saudoso José Otávio Guizzo, esse incansável e brilhante estudioso do cinema, que publicou excelente livro realizando bem sucedida noite de autógrafos no Teatro Glauce Rocha, da Universidade Federal de Campo Grande, onde se pretendia exibir a famosa fita, com debates empós.

Por falha técnica do projetor, a exibição foi interrompida, com promessa de reprodução no Autocine, no dia imediato.

Em 1918, Campo Grande estava com três mil habitantes e cerca de seiscentas casas. Já contava com iluminação elétrica nos logradouros principais, oriunda da usina hidrelétrica do Ceroula, que substituiu o motor a gás pobre do Veronesi. Posto fosse curto o horário da claridade, representava notável progresso. Era a segunda cidade do Estado a possuir a cômoda inovação. Nesse mesmo ano, a vila de Santo Antônio de Campo Grande foi elevada à categoria de cidade, pela Lei n. 772, de 16 de julho, promulgada pelo presidente Dom Aquino Correia. A comemoração ocorreu no dia 26 de agosto, data da criação do município, em 1899.

Muitas festas na nova cidade. A intendência abriu, para os bailes populares, os salões do prédio que construíra em 1913. As ruas ficaram apinhadas. Toda a população brindou o grande acontecimento. Reuniões, churrascos, desfile militar do 54º Batalhão de Caçadores, discursos, folguedos de todos os tipos.

Na intendência foram inaugurados os retratos de diversos políticos, como os de Pinheiro Machado e senador Antônio Azeredo.

A vila tinha dois intendentes (coisa da política da época), eleitos em 2 de novembro de 1917: Sebastião Lima e Leonel Velasco, num pleito que seria anulado pouco depois das festas e nomeado interventor, pelo presidente D. Aquino, o advogado Rosário Congro, que tomou posse no

dia 5 de setembro de 1918, de quem já tivemos ocasião de falar em artigos sobre a Rua Marechal Rondon.

Tantos os fogos disparados na comemoração, que um tipo popular da cidade, o João Bobo, ganhou a mania dos foguetes para o resto da vida. Onde quer que estivesse, fazia todos os movimentos e gestos de quem está soltando um rojão.

Coincidentemente o preço do boi magro subiu a oitenta mil réis, em consequência da Primeira Guerra Mundial, que chegava a seu fim. O dinheiro corria a rodo. Segundo a informação de Valério d'Almeida, os grandes estabelecimentos comerciais de São Paulo vendiam nesta região cerca de vinte mil contos de réis anualmente.

Com o *status* de cidade, Campo Grande teve largo surto de crescimento em todas as suas áreas, inclusive na zona do meretrício. Na Rua 7 de Setembro abriram-se novos bares e pensões, o mulhério renovou-se e as paraguaias tomaram conta da rua. Bonitas, amáveis, elevaram o nível dos velhos bordéis.

Daí por diante intensificou-se o vazo da música paraguaia, que se incorporou aos nossos costumes e folclore, como já observamos. De início era proibida nos salões familiares, pois lembrava a Rua 7, que sequer podia ser mencionada pelas donzelas de então.

Era o momento dos pianos. As moças prendadas tinham que dedilhar o nobre instrumento. Fazia parte da educação. Peças clássicas, valsas, depois o fox-trot, o samba. Nada de polcas. Nas casas públicas a música guarani era tocada de ouvido. Não havia partituras à venda nas lojas especializadas: A Papelaria Kosmos, de Lourival de Sousa, e depois a Passarelli e a Primorosa, do Zé Morais.

Mais tarde, surgiram as vitrolas e os discos. Nota-se que o primeiro disco apareceu no Brasil no ano de 1901, na Casa Edson.

Não houve um confinamento compulsório das meretrizes na Rua 7 de Setembro. Elas ancoraram ali naturalmente, escapando das ruas reservadas às residências e permaneceram no local porque as famílias evitavam a rua malsinada, preferindo morar mais distantes, até que se formou o centro comercial da Rua 14 de Julho e a cidade adquiriu novos aspectos na sua estrutura e zoneamento.

As fêmeas de luxo, de melhores dotes físicos, com maior capacidade para a difícil profissão da vida fácil, não se misturavam na Rua 7; buscavam outros locais, onde viviam em discretíssimos conventilhos, para não provocar a reação das famílias. Algumas foram para a Rua Dom Aquino, outras para o bairro Amambaí, ou muito mais tarde para a conhecida Vila Tomé, no início da Rua Maracaju, cujo local, no século passado, tinha o nome de Baixadinha de Ouro.

A distinção era conhecida na Grécia antiga: as hetairas pertenciam a uma categoria mais elevada; as demais chamavam-se marafonas.

Houve tempo em que a Rua Aquino passou a ser preferida, com as casas da Gatinha, da Paulista, da Japonesa e tantas outras, a ponto de Alexandre K. Saad, o dono do Cine Santa Helena, que preparava a sua grande reforma, mover cerrada campanha para a remoção dos alcoices ali existentes. A polícia prontificou-se a agir. Mas as mulheres, unidas, contrataram os serviços de um advogado, que foi ao subchefe de polícia e ameaçou: “Minhas clientes tem o direito constitucional de entrar e sair livremente de suas casas. Vou impetrar *habeas corpus* e conto com a boa vontade do juiz, que mantém uma amante ali”.

A autoridade logo deu a resposta: “Acatarei a ordem judicial, mas colocarei em cada porta dois policiais que anotarão os freqüentadores, cujos nomes e cargos serão publicados no Jornal do Comércio”.

A estrutura dos prostíbulo da Rua 7 de Setembro era bastante simples. Havia dois tipos de pensões: com salão, bar e quarto ou simplesmente com quartos e sala de visitas. As mulheres, que habitavam estas últimas casas, freqüentavam os inúmeros bares, que serviam apenas de ponto de encontro para as beberagens.

Já os cabarés tinham salão com mesas, bar, pista de dança e alguns dispunham de apartamentos e quartos.

A dona da pensão nem sempre era cafetina, mas apenas alugava os quartos e a inquilina cobrava o que entendesse. Daí a diversidade de preços. Entre os curiosos costumes dos prostíbulo havia o de nunca se perguntar quanto a mulher cobrava pelo momento de prazer, mas usar um eufemismo: qual é o câmbio?

(A RUA ALEGRE)

Tragédia de Rochedo

Oscar da Luz, mais conhecido por Nenê da Luz, era também morador da Rua 7 de Setembro. Nomeado delegado de polícia do distrito de Rochedo, para lá se mudou.

As revoluções de 1922 e de 1924, quando passaram por aqui os revoltosos, inclusive a Coluna Prestes, deixaram espalhadas pelas fazendas muitas armas e munições do Exército, em geral vendidas pelos desertores rebeldes aos fazendeiros.

A Circunscrição Militar de Campo Grande resolveu expedir officio a todos os delegados, pedindo a arrecadação dessas armas.

Nenê, o delegado, tinha um açougue em Rochedo, do qual eram fregueses os irmãos Albuquerque, garimpeiros da guampa torta, duas verdadeiras feras, nordestinos do sangue quente, cheios de melindres, que não admitiam desaforo.

A companheira de um deles ia diariamente comprar carne e, no dia em que chegou o officio militar, Nenê leu-o em voz alta e acrescentou saber que o marido dele tinha, em casa, um fuzil novo e pedia que ele o entregasse, conforme ordem recebida e acabada de ler.

A mulher chegando a casa transmitiu ao companheiro o recado do delegado e já aumentou um ponto: “Se você não levar o fuzil amanhã ele virá buscá-lo aqui”.

No dia seguinte, a mulher volta ao açougue e, indagada sobre o recado, respondeu: “Ele disse que o senhor não é homem para ir buscar o fuzil lá em casa”.

Nenê avisou: “Pois diga-lhe que dentro de uma hora estarei lá”. O delegado era um homem destorcido, enérgico, corajoso, de ação pronta.

A mulher transmitiu a notícia: “O delegado vem aí”.

Os dois irmãos armaram-se e saíram ao encontro da autoridade, prontos para o que desse e viesse. O fuzil foi, mas embalado.

Nenê, ao deixar a casa, que servia de delegacia, chamou para acompanhá-lo um italiano, seu amigo inseparável, e o único soldado de polícia que servia em Rochedo, assobiando para seu fiel cão, verdadeiro leão, que o acompanhava sempre.

Bem armados, a cavalo, logo na saída do povoado toparam, de chofre, com os Albuquerque. Talvez não tivessem sequer trocado palavras. Na desolação do cerrado, Nenê recebe o primeiro tiro, caindo da montada, arma na mão. O cachorro avançou contra o agressor e recebeu um tiro na boca. Nenê, de joelhos, ferido não conseguiu levantar-se, mas atirou e feriu de morte um dos irmãos. O italiano matou o outro e recebeu um balaço de volta que o liquidou.

Jaziam, no final do embate, quatro homens, um cavalo e um cachorro. Salvou-se o soldado, para contar a história. Ao ouvi-la, Juca Mané sentenciou: “Desde o começo do mundo, as maiores tragédias têm no meio uma muié”.

Essa história ouvi de Rodolfo Taveira, como inúmeras outras que ele retinha na memória extraordinária, com seus oitenta e tantos anos de vida ativa. Aqui nasceu, morou e morreu.

(A RUA ALEGRE)

O comerciante Simão Abrão

Perto da Rua do Padre, ficava a Pensão São Cristóvão do *seu* Ramão e dona Nita. Antes o prédio abrigava um colégio.

Na esquina da Rua 14, ao lado ímpar, Simão Abrão comprou um terreno de 400 metros quadrados por 20\$, em 1930 e nele construiu a casa em que se estabeleceu com armazém de secos e molhados e residência nos fundos. Ainda hoje lá está a loja conhecida como Armazém Troncoso, de seu filho Antônio, que tem apelido que deu nome ao estabelecimento. A construção ficou a cargo de Thomé & Irmãos.

Casa de tradição e conceito, que permanece aberta há sessenta anos, para orgulho de dona Rafaela, viúva de Simão Abrão, recentemente falecida. O casal veio de Zahle e Merdin, a chamado do primo Abdalla Jorge Warde, em 1926. Passaram os dois por Damasco, Beirute e São Paulo. Para Campo Grande usaram a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, num percurso de três dias, atravessando o rio Paraná na velha balsa, antes da inauguração da ponte de Jupuíá, denominada Francisco Sá.

O casal fixou-se, primeiramente, perto da igreja Santo Antônio, transferindo-se depois para a Rua 26 e, definitivamente para a Rua 7. Enquanto aguardavam o término da construção, permaneceram alguns meses entre a 13 e Rui Barbosa. Simão era alto, robusto, de pele clara, cabelos repartidos do lado e bigode pouco espesso, como dos galãs do cinema mudo. Inteligente e curioso, aprendeu a ler e escrever o português, sem professor. Interessava-se por todos os assuntos, estando sempre bem informado das coisas que se passavam no Brasil e no mundo.

Nasceu em 1902 e morreu assassinado no dia 7 de agosto de 1934, aos 32 anos. Era um jovem bonito, trabalhador, cheio de vida e alegre. Gostava de festas. Um de seus divertimentos prediletos era assistir aos bailes do cabaré Fecha Nunca e o bar do Jacó Marques, aonde ia com o primo Razuk Jorge. Dona Rafaela não se importava com isso, pois Simão não ia dançar, mas ouvir música e ver o que se passava. Depois comentava com ela os fatos interessantes.

Razuk era o maior amigo de Simão. Veio também a convite de Abdalla Jorge, assim como José Abrão, que se estabeleceu na Rua 14 de Julho. O tabelião Eduardo dos Santos Pereira, que morava próximo, transformou-se em conselheiro da família.

Para evitar a tumultuada Rua 7 e resguardar suas três filhas menores, Simão abriu uma porta da casa de residência para a Rua 14 de Julho. Além das filhas e do conhecido e popular Troncoso, o casal teve mais um filho varão, Fauzer, médico de renome e professor em São Paulo.

O armazém estava aberto para todos e era fornecedor das pensões alegres da Rua 7, fazendo a entrega das mercadorias por uma janela apropriada. Mascote, o afamado gerente do Dancing Guarany, de Cornélia Barbosa, era grande cliente da casa. Os meninos, na época do carnaval, vendiam lança-perfume Ródia e Pierrot para as mulheres da vizinhança.

Na esquina transversal do armazém, onde foi a delegacia da polícia, ficava a pensão da Genésia, que comprava todos os filhotes de caburé que Troncoso lhe oferecia. Tinha paixão por essas aves, que adornavam a sua sala principal, talvez pelo hábito noturnal delas.

Em frente, também de esquina, o armazém de João Domingos. Abdon Bunazar, um sírio feio e muito correto nos seus negócios, teve o

comércio na Rua 7, antes de mudar-se para Rio Pardo. Chegou ao Brasil com doze anos, mas só escrevia em árabe até o fim da vida. Veio de Uberaba em 1905 para a compra de bois. Morreu em 1960.

Entre a 13 de Maio e a Rui Barbosa, numa pequena casa, no meio da quadra, do lado par, funcionou durante alguns anos a delegacia de polícia. O lugar não poderia ser mais adequado, mas durou pouco. O delegado não suportou a constante agitação noturna.

João Tomaz tinha casa comercial na esquina da Rui Barbosa. Por perto, o bar de um turco imenso, que ficou com o apelido de Gibraltar, e a Padaria Italiana, de Antônio Lanteri. De Cheuei Oshiro, o armazém perto de Simão Abrão. Na mesma quadra moravam Adélia, irmã de Cornélia, e a mui conhecida Eustáquia, pequenina e magra, dona de uma casa noturna de grande freqüência. Outro cabaré famoso pelas mulheres bonitas era o da russa Fanny, entre a 14 e a 13 de Maio. Ela era pequena, muito branca com sardas nos ombros, os olhos claros e alerta, a testa larga e alta, os cabelos ruivos e suas maneiras pareciam gentis e descuidadas.

As noitadas eram sempre alegres, divertidas, rumorosas e, por isso, plenas de rixas e violências. As mortes eram freqüentes na bulha da noite, tudo como reflexo da cidade jovem, dinâmica, centro de atração comercial, dinheiro do boi em circulação veloz, mas desprovida de policiamento, abandonada dos poderes públicos por muitos e muitos anos. Quando a liberdade é completa, sem repressões, ela vai para o plural, são liberdades. Eis o que vingava na Campo Grande antiga. A vida transcorria indisciplinada e louca, embora os crimes da época fossem menos cruéis que os de hoje. Eram delitos ocasionais os da velha Rua 7, despídos de perversidade. Agravante freqüente era a do motivo frívolo e raramente a do motivo torpe.

(A RUA ALEGRE)

Dona Herondina

No dia 27 de março do ano de graça de 1910, nasceu, na Rua 7 de Setembro, que não passava de uma azinhaga deserta, entre arbustos de espinheiro, perto da hoje denominada Rua José Antônio, uma menina, filha do casal João Vieira de Almeida e Maria Madalena de Almeida, que

recebeu o nome de Herondina. Pertencia a uma das mais importantes famílias de Campo Grande, constituída de pioneiros, que aqui chegaram no século XIX e assumiram papel de relevo na formação da cidade.

Entre outros irmãos de Herondina, pode ser lembrado João Boaventura de Almeida, o Janjão, encarregado de acender e apagar lampiões de querosene das velhas ruas, pai do conhecido Neto Lima, cujo nome verdadeiro era Adventor Divino de Almeida.

Herondina casou-se, muito jovem, com Lucas Ferreira e foram morar na fazenda São João, no município de Sidrolândia. Foi aí que ela teve os primeiros sinais estranhos, que iriam modificar a sua vida. Parece que foi Ibsen quem disse que o homem pode realizar muitas coisas, porém as mais importantes quem dirige mesmo é o destino. Algumas visões, objetos que caíam perto dela, chá que se derramava sem explicação, sensação de ansiedade e nervosismo passaram a preocupar a jovem.

De lá voltaram para Campo Grande e foram morar no mesmo quarteirão da Rua 7 de Setembro. O maridão levou-a a Ramon Sobral, um convicto espírita da linha kardecista, que a orientou nos singulares caminhos da mediunidade. Sobral era um espanhol baixinho e bravo, cheio de vitalidade, proprietário do Auto-Posto Sobral, na Rua Marechal Rondon. Exerceu profunda influência na vida religiosa de Herondina.

Ela passou a ter visões mais nítidas dos espíritos “acompanhantes” das pessoas que a consultavam e revelou-se nela o dom de curar certas doenças. Os portadores de paralisias ou de enxaquecas e outras dores de cabeça, de etiologia desconhecida, que os médicos não davam conta de aliviar, com todo o arsenal de drogas disponíveis, dona Herondina curava simplesmente ao colocar a mão na testa deles e proferir algumas palavras especiais. Foi dessa forma que libertou o dr. Cícero de Castro Faria de uma dor de cabeça alucinante, que o torturava por longo tempo e que fora tratada, sem efeito, pelas maiores sumidades da medicina nacional. Apenas um passe e a dor desapareceu por encanto.

Era o mesmo processo utilizado pela famosa americana Mary Baker Eddy, que usou e abusou desse poder incrível, a ponto de fundar uma das mais vigorosas e bem sucedidas seitas religiosas dos Estados Unidos, construindo o maior templo daquela nação. De tal forma empolgou-se

pela sua surpreendente faculdade que se dizia indestrutível pelo tempo. No final da vida, para disfarçar a velhice, maquiava-se toda e aparecia aos fiéis numa janela distante, no cimo do templo, em estrênuo esforço para comprovar suas afirmações de imortalidade. Stefan Zweig foi seu biógrafo.

Dona Herondina obtinha os mesmos resultados sem alarde, humildemente, não permitindo que o rumor de seu sucesso transbordasse os limites de sua casa.

Recebia as comunicações do além e as usava em favor dos sofredores. Dava passes e úteis conselhos às pessoas. Muitos doentes entraram carregados na casa da vidente e saíram andando.

Certa vez eu passei por um período de insônia perturbadora e persistente. Meus momentos de sono eram raros, mesmo com o uso de soníferos, dos quais já me vinha tornando dependente. Nem contar milhares de carneirinhos resolveu o problema. Tentei um curso de controle da mente, em que aprendi a técnica de provocar o sono, mediante a contagem regressiva e o relaxamento “mais profundo”, para entrar em “alfa”. Empreguei igualmente a fórmula técnica consistente em desenhar um grande círculo num quadro-negro imaginário, com o n. 100 no centro. Depois, sempre mentalmente, apagar o n. 100, sem tocar no círculo e escrever o 99, depois o 98, 97, 96 e assim por diante, até adormecer.

Tudo de balde.

Um dia, minha nora Lucinha levou-me à dona Herondina. Confesso que fui à presença dela sem qualquer fé ou esperança, desacreditando que uma simples benzedeira e algumas rezas supersticiosas pudessem livrar-me do terrível desconforto.

Tive que dar a mão à palmatória. Frágil, de voz doce e límpida, aspecto despreocupado, olhos castanhos, profundos, semblante plácido, dona Herondina espargia paz e bondade. Senti-me logo invadido por grande tranqüilidade quando ela me ordenou: relaxe, meu filho. Você esta “carregado” de maus espíritos. Mas tudo estará bem. Cessou a tensão. Caíram-me as pálpebras.

À noite dormi o sono dos justos e jamais voltei a padecer do incômodo mal.

Percebi, da tal forma, que não se tratava de superstição nem mesmo de sugestão. Na verdade não sei explicar o que aconteceu. Apenas verifiquei o resultado e me contentei com isso.

Aos 72 anos expirou dona Herondina, na Rua 7, deixando sete filhos, vinte e sete netos e sete bisnetos, ligada ao número cabalístico que a acompanhava desde o nascimento, num dia 27.

Uma legião de admiradores e beneficiários de seus dotes pranteou-lhe a morte. Deixou ela um rastro de bondade e desprendimento. Viveu para fazer o bem: modesta e serenamente.

(A RUA ALEGRE)

A Rua Rio Branco

Esta rua nunca mudou de nome desde a sua projeção em 1909. Falava-se, abreviadamente, Rua Rio Branco ou Rua Barão. Está situada no coração da cidade. Já foi estritamente residencial. Hoje, as raras moradias misturam-se com as lojas, escritórios e agências bancárias.

Homenageia o grande político e diplomata brasileiro José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, que obteve enorme prestígio e popularidade, sobretudo pela anexação do território do Acre, com 191.000 km², em virtude de tratado com a Bolívia .

Há pouco tempo, a Rua Rio Branco passou a ter seu primeiro trecho destinado ao uso de pedestres, o chamado Calçadão, com uma viela para a passagem de um automóvel de cada vez. Foi ainda adornada com bonitas luminárias e uma passagem de nível sobre os trilhos da ferrovia.

Para o economista Waldir Okano, ela constituiu importante interligação de pedestres entre o setor comercial e o terminal de transportes, integrando-o com o parque linear representado pelo Horto Florestal e o fundo do vale.

Acrescenta que o Calçadão foi a primeira etapa dessa trama de recreação-lazer, dentro de uma visão global de planejamento urbano, que prevê a humanização da cidade de Campo Grande, sendo o objetivo principal transformar o centro tradicional em ponto de animação. E, portanto, devolver a área central para o pedestre.

Pode-se dizer que a Rua Rio Branco começa com a linha férrea e logo alcança a Avenida Calógeras. As primeiras esquinas pertencem a essa avenida. A esquina do lado par, transposta a Calógeras, era um grande terreno pertencente a Caetano Gama, casado com dona Aninha, fazendeira em Jaraguari. Vendido para Naim Dibo, foi nele construída uma casa, transferida para Ariano, filho do tabelião Francisco Serra; era baixo, forte, falava pausadamente e morreu cedo.

A seguir, vinha um sobrado pertencente ao viajante comercial Sérgio Filatoff, casado com dona Helena. Dois russos grandes, gordos e felizes. Como todo viajante, era contador de anedotas.

Certa vez, viajava pela Noroeste, com outro colega, quando se sentou num banco defronte a um casal. Antes mesmo que Filatoff abrisse a boca, o homem em frente, que se identificou como capitão do exército, foi logo advertindo: “Vocês são viajantes. Conheço-os de longe. O primeiro que contar anedotas indecentes aqui, encho-lhe a cara de balas”. No final da viagem tornaram-se camaradas.

A casa do russo foi vendida ao dr. Carmona, médico que teve ali consultório e residência.

O prédio seguinte pertence ao pecuarista Edmundo de Almeida, casado com dona Neném. Um mineiro de voz arrastada, baixa, sibilante. Andava sempre de terno, gravata e chapéu de feltro. Teve uma rede de açougues na cidade e foi dono da fazenda Santa Branca, no município de Terenos. Entusiasmado selecionador de gado Gir, participava freqüentemente das exposições de Campo Grande. Comprazia-se em protestar contra o governo, que estava sempre a perseguir a pecuária, tomando medidas para baixar os preços, como os confiscos e as importações de carne. Entendia que o governo cumpriria bem seu papel pelo menos se não atrapalhasse a atividade.

Observador atento do mercado de boi gordo, dizia que desde criança ouvia, em Minas, o refrão dos fazendeiros no tocante aos preços do boi: “Sobe no 9 e baixa no 4”. A observação do que ocorreu nos últimos anos comprova a teoria. O *boom*, na pecuária bovina, ocorreu em 1979 e foi declinando até 1984, quando a arroba do boi baixou ao máximo. Nova alta ocorreu em 1989 e a baixa só em 1994. Edmundo faleceu em

1988. Deixou três filhos: Geraldo, casado com Leni; Marilda, com Rodolfo Rocca; e Nilda, com Lúdio Coelho.

No n. 154, ficava a padaria Esperança, de Aleixo Esnarriaga, que no início dos anos 40 a vendeu à família Neme, que promoveu uma reforma completa no estabelecimento, passando a fornecer ótimo produto à exigente clientela da época. Eram uns árabes claros, de cabelos alourados e muito simpáticos.

A moça da família, desconhecendo ser diabética, tomou uma injeção intravenosa de glicose para uma perturbação no fígado e teve morte instantânea, causando grande repercussão na cidade.

(A RUA BARÃO)

Pólvora x Veneno

Junto ao atual prédio Coronel Zelito, existia uma casa grande, no alinhamento da rua, com porta no centro e uma janela de cada lado, paredes grossas de construção antiga. Chamava-se pensão Itararé, de Pio Rojas, depois mudado para hotel Internacional, do baiano Sebastião Veneno.

Foi ali que outro baiano, o Pedro Pólvora, hóspede do hotel, vendedor de livros, reclamou sobre um recado deixado por um cliente, que lhe não fora transmitido. A mulher do dono do estabelecimento retrucou que não era obrigada a dar recados. Iniciou-se ligeira discussão, ouvida pelo marido, que chegava da rua, e a confusão chegou a tal ponto que cada um saiu para procurar sua arma e se reencontraram no corredor da casa. Foram então disparados nada menos de dezesseis tiros, com o uso de três revólveres, esgotando-se todas as cargas, sem que ninguém fosse atingido.

A revista O Cruzeiro publicou, na sua seção “O Impossível Acontece”, uma charge, observando que, num encontro de pólvora com veneno, ninguém sai lesado.

Pedro Pólvora veio de Itabuna, no início dos anos 40. Comprou um carro de praça, como se chamavam os táxis, um Fordinho 29, passando a prestar serviços de viagem pelo interior.

Viajei muito com ele pelas comarcas do Estado, a serviço profissional. Boa pinta, conversa agradável, o baiano tornou-se meu amigo e compadre. Sempre foi dado a observações e máximas, comentando todos os assuntos, especialmente os políticos, engajando-se como cabo eleitoral da antiga UDN.

Já veio casado, da Bahia, e a família aumentou aqui. Malgrado o espírito foldazão, tendo sempre uma anedota para contar, da qual ele mesmo ria mais que o interlocutor, e bom companheiro de viagem, tinha o gênio irascível, quando contrariado. Raramente chegava à violência, mas ameaçava e blazonava, mostrando-se *queimado* com as provocações de qualquer tipo, sendo, de certa forma, temido na cidade. Falava muito nas armas que portava, o berro, como gostava de dizer, num tempo em que a vida aqui transcorria livre e indisciplinada. As pessoas saíam de carro pela campanha sempre armadas, desprovidas de documentos. Na verdade os perigos eram muito menores do que hoje, mas fazia parte da bagagem um bom 38, num cinturão cheio de balas.

Depois, o Baiano foi para o Paraná, voltou a Campo Grande e quando faleceu, em 1985, era um cidadão pacato, inteiramente convertido à Igreja Messiânica, na qual fez intenso trabalho de proselitismo.

(A RUA BARÃO)

Antologia

A seguir, textos de diversos autores, sobre fatos e aspectos da cidade de Campo Grande.

26-8-1899

Abílio Leite de Barros

Vinte e seis de agosto de mil oitocentos e noventa e nove seria um dia de festa na Vila de Santo Antônio de Campo Grande. Na igreja do protetor os dois sinos dariam o sinal festivo. Aglomerações, foguetórios, churrascos, folguedos entrariam pela noite ao som de catiras e polcas paraguaias.

Afinal, depois de antigas e insistentes reivindicações, o governo estadual assinava em Cuiabá a resolução de emancipação da vila, criando o município de Campo Grande. Essa festa, entretanto, não houve. Por uma razão simples: ninguém sabia. Ainda não havia correios.

Aquele vinte e seis de agosto foi como um dia qualquer. Cerrados e campos estavam ressequidos e o vento norte, sempre insistente nesse mês, levantava poeira incômoda, vermelha, que impregnava roupa, pele e, pelos desvãos dos barrotes, cobria paredes, móveis e utensílios. Impregnava a alma, poderia dizer um mais irritado “mudanceiro” ainda pouco adaptado.

O pequeno povoado estendia-se em desarruada e tortuosa formação acompanhando o córrego Prosa, desde sua confluência com o Segredo, onde os fundadores ergueram os primeiros ranchos vinte e quatro anos passados. Acompanhava o córrego a certa distância, fugindo do terreno alagadiço. Mais acima buscando a altura e mantendo o desnível necessário passava um rego de água tirado do mesmo Prosa, acima da Cachoeirinha – era a água de todos. Desse rego-mestre, pequenos canais abasteciam as casas. Essa divisão das águas nem sempre foi pacífica; ao contrário, desa-venças e mortes marcaram a existência do condomínio.

As casas, naquele precário alinhamento, formavam a primeira rua (atual 26 de Agosto) que terminava num pequeno largo de onde se ensaiava uma bifurcação, formando mais duas vias. José Antônio Pereira havia construído a sua casa na ramificação de baixo (atual Barão de Melgaço),

um pouco isolado, talvez pelo seu temperamento arredio. Aliás, nesse agosto de 1899, o clã dos Pereira já havia deixado a vila, indo morar todos em fazendas. José Antônio Pereira, o fundador do povoado, vivia na sua fazenda Bom Jardim, cego, isolado e esquecido. Morreria cinco meses depois da emancipação.

Mas a vila mostrava progresso; as moradias já eram quase todas de taipa e cobertas de telhas de barro, fabricadas em olaria local. Eram casas baixas, atarracadas, telhados de quatro águas e sem varandas, no velho estilo mineiro. Abrigavam famílias, comércio, bolichos, bares e prostíbulos – uns de caráter mais discreto e freqüência distinta, ditos casas suspeitas; outros de exercício explícito, os cabarés, freqüentados pela peonada de boiadeiros, prazerosamente deixando ali o dinheiro das longas e sofridas viagens. A população da vila, nessa convivência estranha e que poderia parecer promíscua, andaria em torno de trezentas pessoas.

Naquele histórico vinte e seis de agosto, como sempre, a vila acordara cedo. Os que se dirigiam às roças estendiam olhar ao céu em busca de algum sinal de chuva antecipada. Nas casas de comércio, donos e empregados, de espanadores em punho tentavam dominar a poeira acumulada. Em frente a um cabaré, um homem amanheceu de braços entre manchas de sangue no solo arenoso. As crianças que buscavam a escola passavam ao longe, evitando o morto. Logo estariam reunidas em sala de aula e da rua podia ser ouvida a voz forte e rouca do velho gaúcho, corpulento, de cabeleira farta e longas barbas – José Rodrigues Benfica, o primeiro professor da vila.

Uma tropa de burros, guiados pelo cincerro da madrinha e tocados por dois peões, passou em marcha acelerada. A poeira cobriu a visão de todos, mas os animais desviaram do morto. Os peões deram uma rápida olhada de possível identificação. Dois cachorros que os acompanhavam, com o mesmo intuito, pararam, cheiraram o corpo e logo seguiram o mesmo caminho. Os burros eram conduzidos para uma chácara no fim da rua e do outro lado do córrego alugada pelo boiadeiro, enquanto reunia o gado para a viagem de volta à Uberaba onde faria a venda dos animais.

Carroças e carros de bois passavam pela rua. Um deles, com quatro juntas, que indicavam viagem longa, descarregava no armazém do italiano

Bernardo Baís a mercadoria trazida de Aquidauana, que havia sido transportada por barcos de Corumbá. Uns carros tinham roda cheia com a cantiga do eixo, cantiga das Minas Gerais distante. Outros de estilo paraguaio, com raios de madeira, não cantavam. Mas, carretas e carroças, no seu passar, desviavam do morto.

Dois cavaleiros bem montados caminhavam pela rua em animada conversa. Pelas constantes saudações aos passantes, via-se que não eram estranhos. Trajavam bombachas de esmerado corte, lenço no pescoço, chapéu de pêlo em aba larga, um pala de seda dobrado e descendo dos ombros. Ao passarem por uma daquelas casas suspeitas, viram que as mulheres os observavam pela janela entreaberta. Em dissimulados gestos, os cavaleiros deram a senha de que as viam. No interior da casa as mulheres se juntaram em alvoroço. Eram fregueses, fazendeiros da Vacaria, gente da guaiaca cheia e muito desprendimento no pagamento dos prazeres recebidos. Vinham com carretas fazer compras nos armazéns da vila. Passaram pelo morto como se ele não existisse.

Três vaqueiros, falando guarani, bêbados de véspera, com complementos matinais, rindo em algazarra, caminhavam oscilantes pela rua poeirenta em direção ao nascente. O patrão os esperava para a viagem de retorno a Concepción do Paraguai. Os três, bêbados, pararam diante do morto. Um desvirou o corpo para identificação; sacudiram a cabeça e seguiram o caminho. O patrão, um mascate paraguaio, promovia no pequeno largo do fim da rua a liquidação da mercadoria. O grosso já fora vendido e trocado em gado: trezentas reses entre bois, vacas e animais novos. Os vaqueiros deveriam conduzir esse gado.

Mais na parte central da rua, na casa de comércio e farmácia de Joaquim Vieira de Almeida, reuniam-se as pessoas mais graúdas da comunidade. Totinho, sobrinho do dono, fazia o atendimento, mas sem o carisma do Joaquim, que fora em tratamento para o Rio de Janeiro.

Este era o homem de maior instrução da vila, redator de atas e cartas de caráter público ou privado. Ali eram resolvidos os problemas comunitários. Dali saíam as reivindicações ao governo e, possivelmente, de autoria de Joaquim Vieira de Almeida foi a correspondência pedindo a emancipação.

Foi o maior líder dessa fase do povoado. Morreu tuberculoso, talvez sem saber que seu pedido fora atendido.

Chegando a hora do almoço, os grupos se desfaziam. Foi de saída que um perguntou se alguém conhecia o morto estendido em frente ao cabaré. Ninguém.

Já passado o meio-dia, o morto continuava exposto ao sol, ignorado e só. Morto sem dono. Era o cadáver de si mesmo. Temendo o mau cheiro iminente, o proprietário do cabaré ordenou ao empregado que pegasse o cavalo para levar o morto. Amarrou o laço nos dois pés e, pela chinha, rua afora, foi puxando aquele incômodo cadáver de ninguém. A rua estava quase vazia, hora do almoço.

A Vila de Santo Antônio de Campo Grande, no dia vinte e seis de agosto, no ano de sua emancipação, era mais ou menos assim. Esta não é uma peça de ficção.

(CAMPO GRANDE - CEM ANOS DE CONSTRUÇÃO, 1999).

Campo Grande, cidade sem fronteiras

Maria da Glória Sá Rosa

Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo há uma ligação entre eles. Ítalo Calvino.

Meu discurso de menina nordestina, que aqui chegou nos anos 40, é uma peça repleta de surpresas. Acostumada a deter os olhos na amplidão dos verdes mares rodeados de coqueiros do Ceará, estranhei os limites da nova paisagem de ruas e casas separadas umas das outras, das quais escapavam odores e sons, que me eram desconhecidos. Ao percorrer os espaços da memória, recordo a impressão de ter descido numa terra estrangeira em que sotaques bem diversos dos que deixara para trás estimulavam desejos, emoções, e um dia seriam objeto de recordações.

A essência da cidade, que se tornou minha, e à qual incorporei sonhos e ambições, já estava latente na fusão das etnias constituídas por árabes, judeus, portugueses, armênios, japoneses, portugueses, italianos,

espanhóis e muitos outros que formaram significativo microcosmo cultural resultante da junção de verdades e sabedorias.

Descobri ter chegado ao porto dos que desejavam construir suas vidas, recanto da esperança, sem discriminar sexo, idade, religião, condição social, aos que ingressavam em seus domínios.

Ainda em formação, a cidade trazia na poeira vermelha, na limpidez azul de um céu de beleza singular a chama do progresso. A multiplicidade das raízes, responsáveis pela riqueza cultural, mantinha-a conectada com o resto do universo.

Patriarcas, com nomes que me soavam estranhos, como Dibo, Pedrossian, Calarge, Giordano, Nakao, viram a luz no além-mar, mas foi aqui que assumiram o papel de construtores de uma história em que mudanças se sucederam em cadeia.

Quando alguns deles se foram, outros continuaram a linha de renovação a que está sujeita a vida e assim novos elementos se acrescentaram ao diálogo, que não se interrompeu, mesmo nas mais difíceis ocasiões.

Hoje, quando o olhar percorre a cidade, meu discurso traduz o que vi e vivi nos longos anos em que fui testemunha do quanto foram capazes as identidades que aqui se estabeleceram e produziram indústrias, fontes de comércio, educação, turismo, arquitetura, publicidade.

É admirável pensar que de elementos tão divergentes nunca brotaram atos de terrorismo, ambição, inveja, humilhação. Em vez disso o que se observa é a paz que emana dos prédios, das praças, das escolas numa cidade aberta, livre de preconceitos, onde cada habitante se julga dono do ar que respira, das distâncias que percorre.

As diversidades foram as grandes fontes geradoras do progresso local.

Ao descer do trem pela primeira vez em Campo Grande, fui aqui recebida com alegria para a missão de plantar e fazer crescer os meus sonhos.

Aprisionada por ondas de carinho, faço parte de uma paisagem simbólica na qual a liberdade é força motriz, presente nas conquistas que fizeram de Campo Grande uma cidade sem fronteiras.

A vila

Temístocles Pais de Sousa Brasil

Pelos 20°27'15",6 de latitude Sul, 11°36'55",5 de longitude O do Rio de Janeiro e numa altitude de 735 m, na forquilha formada pelos córregos Prosa e Segredo, em terreno ligeiramente inclinado, apresentando um aspecto agradável ao viajante que chega aos planos elevados de oeste pelas estradas de Aquidauana e Vacaria, ou do sul pela do porto 15 de Novembro do rio Paraná, assenta a vila de Campo Grande.

Pequena ainda, lentamente se formando, lutando com as dificuldades decorrentes da falta de materiais de construção, mostra, entretanto, ser um núcleo de progresso que rapidamente aumentará quando as vias de comunicação em execução facilitarem os elementos de que necessita.

Pela sua situação topográfica no centro da vastíssima região a mais propícia para a indústria pastoril, está destinada a ser o maior empório do sul de Mato Grosso, onde se fará a permuta de todos os produtos necessários à vida.

Ponto estratégico importante, dominando com possível equidistância a fronteira sul e o rio Paraguai, além de oferecer todos os elementos necessários à manutenção das forças e salubridade para o gado eqüino, será necessariamente o ponto de onde irradiarão os ramais de estrada de ferro, que, chegando normalmente às fronteiras, venham, à feição das saídas táticas, permitir que dentro de reduzido tempo seja possível organizar uma providência econômica, sanitária ou militar.

Como não bastasse essa condição a Campo Grande para determinar o traçado ferroviário para a fronteira, ainda o terreno está como que a pedir a sua construção, oferecendo o leito quase preparado pela natureza, no divisor de águas Paraná – Paraguai, que, em planuras admiráveis, descreve, com a direção SO e um desenvolvimento de cerca de 250 km, um gracioso arco de círculo.

Nesse trajeto os grandes movimentos de terra e as obras de arte, que mais encarecem o custo quilométrico, faltam quase que por completo. Vencidos estes 250 km, acham-se os extremos dos trilhos a iguais distâncias de Bela Vista e de Ponta Porã, indicando assim a bifurcação necessária.

O ramal de Ponta Porã, de cerca de 80 km de extensão, conserva a mesma facilidade de execução; são ainda planuras de campo a vencer. Quanto ao de Bela Vista, embora a distância retilínea seja sensivelmente a mesma que a do de Ponta Porã, necessitará, entretanto, de maior desenvolvimento a fim de poder vencer o tombo da serra de Maracaju, o maior acidente que oferece e que não apresenta maiores dificuldades.

As direções radiais destes traçados asseguram as suas melhores condições técnico-militares e econômicas.

Verdade é que, pela simplicidade de execução, não satisfarão a muitos técnicos, por não oferecerem grandes obstáculos que exijam obras de arte, espécie de corta-circuitos, que possam, em caso de necessidade, em vicissitudes defensivas, ser inutilizadas, opondo barreiras passivas e monumentais.

Este conceito, porém, não deve ser tomado em todo o rigor, por considerações especiais que não devem ser aqui tratadas e pelo espírito de solidariedade americana reinante nos dois países.

A bifurcação que determina os ramais de Ponta Porã e Bela Vista está espontaneamente indicada para o estabelecimento de forças de policiamento e cobertura além das que na fronteira formam as guardas avançadas, ao invés de Nioaque, como é atualmente.

Deste modo ficará naturalmente assegurada a defesa da linha férrea principal, que, por ter direção paralela à fronteira e percorrer terreno em toda a sua extensão o mais favorável para a ação da cavalaria, de outro modo não estará livre de um golpe de mão.

Mas não só a estes ramais Campo Grande se impõe como entroncamento, senão também um outro, que, seguindo aproximadamente em direção geral à meridiana local, vá ter à vila de Coxim e posteriormente a Cuiabá, aproveitando a estrutura e forma dos terrenos elevados do planalto de Maracaju, encurtando caminho nas distâncias muito grandes que há a vencer para alcançar esta cidade.

A vila de Campo Grande apresenta o aspecto dos pequenos povoados ainda em formação. Casas esparsas, deixando entre si grandes intervalos, semeiam o branco das suas pinturas e o vermelho dos telhados no verde-escuro da vegetação, dando ao conjunto uma aparência agradável.

Em dezembro de 1909 existiam na vila e seu rocio 196 fogos com a população de 1.200 almas, sem entrar em linha de conta o pessoal adventício. Existiam ainda muitas casas em construção e projeto.

O seu comércio, bem que reduzido atualmente, promete grande desenvolvimento com a chegada da via férrea da companhia Noroeste do Brasil e instalação das forças da 5ª Brigada Estratégica.

A indústria se acha apenas esboçada, sendo representada por pequenos engenhos de cana, que produzem rapadura e aguardente, por uma serraria e algumas olarias, que produzem unicamente tijolos e telhas.

A agricultura está também em atraso, cultiva-se o milho, o arroz, a cana-de-açúcar, o café, capim-jaraguá para forragem, tudo em pequena escala, e a mandioca, que, apesar da fertilidade com que se produz, não é cultivada nem mesmo o suficiente para o consumo, sendo a farinha importada. Esboça-se atualmente um pequeno cultivo de maniçoba, que parece promissor.

Goza a vila de Campo Grande da amenidade de um clima temperado peculiar às altas latitudes da zona tórrida, em altitudes médias e longe da influência dos mares. Assim é que o termômetro não acusa grandes subidas no verão nem maiores descidas no inverno, mudando a temperatura gradualmente sem quedas brutas. Em 1909, a mínima temperatura observada foi de +4°C e deu-se no mês de março, e a máxima foi de +29°C, tendo tido lugar no mês de dezembro. A pressão barométrica oscila pouco em torno de 702^m/m.

Observa-se aí o mesmo fato que nas baixas latitudes, o ano é dividido em duas estações bem acentuadas: a da seca e das chuvas, o que permite uma previsão mais ou menos segura das condições meteóricas e concorre sobremodo para a regularização da vida e do trabalho. Como vento dominante sopra diariamente uma brisa de leste, que, nas horas de maior calor, vem amenizar a temperatura ambiente e trazer o ar purificado através vasto trajeto pelos campos do oriente. Estas condições climatéricas permitem desde logo se afirmar grande salubridade; de fato, diminuta é a porcentagem de óbitos por moléstias.

O terreno apresenta belíssimo aspecto, aliás não raro no vasto planalto da serra de Maracaju, que se estende de sul a norte, com suave inclinação para leste, formando a parte ocidental da bacia do rio Paraná.

Das admiráveis planuras elevadas que cercam pequena bacia se avistam em depressão o fundo ligeiramente ondulado dos vales por onde correm dois pequeninos córregos, Prosa e Segredo, serpenteando, ora no interior de densa mata já em grande parte destruída pelo impiedoso machado, ora em clareiras e cortando os quintais das habitações.

É precisamente na vila de Campo Grande que se dá a confluência dos dois pequenos córregos que receberam as denominações pitorescas de Prosa e Segredo, ao que se diz, originárias da luta que se travou em tempos passados entre moradores das margens de um e de outro.

Estes dois córregos fornecem em concorrência as primeiras águas do Anhanduí, principal afluente do rio Pardo, tributário do Paraná.

O Prosa, que traz as suas primeiras águas das pequenas elevações de leste, dirige-se precisamente para oeste com um percurso de 7.800 metros, quase em linha reta, despenhando-se aqui e ali em degraus da rocha, formando pequeninos saltos dos quais o mais importante tem cinco metros de alto, e vencendo deste modo a diferença de nível de 112 metros que medeia entre a sua origem e foz.

O leito puramente arenoso nas origens se transforma, apresentando-se em um e outro lugar ora lajeado ora argiloso. A sua verdadeira cabeceira, ou cabeceira-mestra, é conhecida pelo nome de Desbarrancado, devido ao aspecto que o leito apresenta, cortado de erosões produzidas pelas águas.

Recebe pela margem direita três afluentes pequenos, sendo que o mais baixo oferece maior importância, determinando, em sua confluência, a forquilha conhecida por Pontal do Prosa, que encerra excelentes terras em grande parte cultivadas.

O Segredo nasce nas elevações do norte e dirige-se a SSO, com traçado sensivelmente retilíneo, atingindo o desenvolvimento de 10.000 metros em um desnível de 113 metros.

Recebe pela margem direita duas pequenas cabeceiras, uma menor, que tem origem na Lagoa da Cruz, a outra, um pouco maior, denominada Olhos d'Água, também oriunda de outra pequena lagoa. Pela margem esquerda apenas uma cabeceira contribui com as suas águas, é a denominada cabeceira do Jacinto.

Tanto o Prosa como o Segredo têm os seus leques iniciais cobertos de exuberante mata já em grande parte grosseiramente destruída, o que vem sobremodo concorrer para a diminuição das águas.

O regime das águas pluviais é, em Campo Grande, interessante pela impetuosidade que apresentam as torrentes e pelo trabalho que produzem arrastando as terras, cavando uns lugares, aterrando outros, enfim, transformando a feição exterior do solo com grande rapidez.

Acerca de 600 m a oeste das primeiras cabeceiras do Segredo tem origem o córrego denominado Ceroula, que despeja suas águas para a bacia do rio Aquidauana, tributário importante do Paraguai.

A faixa de terra, estreita, que medeia entre as duas cabeceiras constitui aí o divisor de águas das duas enormes bacias dos maiores caudais que formam o rio da Prata. Ele apresenta planuras cobertas de cerrado e leva a direção SO – NE.

É de notar o grande contraste que se observa entre as duas belas bacias adjacentes. Enquanto uma, a do Paraná, apresenta lindos campos descobertos matizando o solo de uma belíssima serenidade topográfica, orlado caprichosamente pela vegetação elevada marginal dos veios-d'água, a outra, a do rio Paraguai, ostenta uma vegetação compacta de cerrados e matas cobrindo terreno um tanto ondulado que se eleva aqui e além em pequenos morros como que para romper a monotonia da paisagem.

(LIGEIRA NOTÍCIA SOBRE A VILA DE CAMPO GRANDE, 1910)

Camalotes e guavirais

Raquel Naveira

“Camalotes e Guavirais” é o título genial de um livro de crônicas de Ulisses Serra, publicado em 1971.

Por que “camalotes e guavirais”? Explica o autor: “*camalotes dos verdes e infindáveis pantanais de Corumbá e guavirais destes dilatados chapadões*” (Serra, 1971:9). Eis aí: uma homenagem a Corumbá e a Campo Grande; a partir da sua vegetação.

As crônicas de “Camalotes e Guavirais” são espontâneas e elegantes, “evocam pessoas e coisas, árvores, riachos, pedaços de rua, naves de igreja, sussurros do Prosa e do Segredo”.

Lembro-me como se fosse hoje daquela noite de autógrafos, no saguão do hotel Campo Grande. Eu era uma adolescente de catorze anos, mas já sentira que escrever era minha forma de ser e estar no mundo. Guardo a dedicatória encantada: “À Raquel Carvalho, garota de inteligência e charme, neta dileta de um velho amigo de minha mocidade, Carvalhinho, estes pedaços de guavirais dos nossos imensos chapadões e de camalotes dos nossos belíssimos pantanais”.

Sim, aquela noite foi um marco em minha vida e na de Campo Grande. Campo Grande não era mais uma cidade apenas voltada para o comércio, para as lojas de turcos, para o abate do gado, era uma cidade marcada para as coisas do espírito, para o mistério da palavra e da criação literária. Essa notícia corria de boca em boca, fervilhava pelos trilhos do trem, explodia pelas mentes dos intelectuais, dos poetas, dos amantes da literatura.

Transcrevo o poema Camalotes, que escrevi pensando nas flores lilases, que descem como canoas aquáticas pelo rio Paraguai:

*Na cheia
Os camalotes bóiam,
Estufados corpos aquáticos
Que a correnteza leva;
Conjunto de leques duros,
Verdes,
Que se dissolvem no silêncio;
Aqui e ali um buquê de flores
Arrebenta lilás;
A malha fina de raízes
Apanha peixes,
Escamas,
Pés delicados de pássaros que pousam,
A canoa de folhas
Navega sem leme*

*Rumo à foz,
À pedra,
Ao mar que espreme
E espuma.*

E o poema Guavirais, essa frutinha doce do cerrado, tão presente em minhas recordações de infância:

*Os guavirais estendiam-se pela orla da cidade,
Saltavam dourados,
Como que semeados pelo vento;
A frutinha verde,
De polpa amarela
Era uma espécie de uva indígena,
Misto de selva e sumo doce;
Havia trilhas para os que vinham colher guavira,
Alguns enchiam cestas,
Chapéus.
As mulheres aproveitavam os aventais
Ou as rodas das saias;
Ninguém precisa se importar
Com o sol de verão,
Tinindo de mormaço,
Secando as cascas jogadas,
Cheirando a bagaço;
O pôr-do-sol descia
Como um manto de sangue suave
E, nesta hora,
Mágica e morna,
Os corpos quedavam para o amor silvestre,
Viscoso
Como o mel da abelhas.
Ir no campo catar guavira
Era o convite generoso e fecundo
Desta terra de cerrado.*

Sim, Doutor Ulysses, sempre soube que seria uma escritora deste mundo de camalotes e guavirais.

Conceição

Raquel Naveira

No dia 8 de dezembro a Igreja festeja a solenidade mais alta e mais preciosa daquela que é chamada a Rainha de Todos os Santos, Maria Santíssima, no mistério de sua Imaculada Conceição.

Através deste dogma, antiqüíssima tradição, é reconhecida a verdade de que Maria foi concebida sem pecado original em previsão dos méritos de Cristo.

A cultura sul-mato-grossense foi profundamente marcada por duas afilhadas de Nossa Senhora, de nome “Conceição”: Conceição dos Bugres e Conceição Ferreira.

Conceição dos Bugres era uma escritora primitiva, uma mulher rude, de mãos toscas, cheias de veias e sulcos que se confundiam com a madeira, com a cera das abelhas.

Os bugrinhos que criava eram retangulares, cabeças chatas, braços semelhantes a asas curtas e pés esparramados. Mas tinham vida, expressão no olhar, nas barriguinhas estufadas. Tornaram-se verdadeiros símbolos de nosso Estado, totens de nossa identidade cultural.

Conheci Conceição há muitos anos atrás, numa tarde de sábado. Fomos, uma turma de moços, ver o seu trabalho. Ela nos atendeu com seu jeito tímido, os longos cabelos grisalhos amarrados no meio das costas, o vestido puído de chita florida. Levou-nos à pecinha de madeira, de chão de serragem, onde colocava os bugrinhos em prateleiras. Pregava-os como se fossem seus filhos, recém-saídos do ventre da terra, como raízes de mandioca.

Como eu era jovem naquele tempo! Nem sei se tive a visão da importância daquele momento e daquela artista. O certo é que nunca esqueci daquela tarde de sábado. Da cerca de arame farpado em volta do terreno áspero de cerrado, sem nenhuma árvore. Nem do sol que mergulhava vermelho no lago do Amor. Nem do seu corpo franzino, desconjuntado no trabalho pesado. Nem do formão que ia arrancando lascas, faíscas e sonhos dos pequenos troncos.

Logo após sua morte, escrevi este poema-tributo:

Conceição dos Bugres

*Conceição transformava madeira em bugres
Numa festa de suor, serragem,
Cera de abelha.*

*Conceição,
Afilhada de Nossa Senhora,
Benta com o estigma de mulher pobre.*

*Conceição via o sol cair no lago do Amor
Enquanto tomava mate
Na cuia da morte.*

*Conceição,
Vela consumida até o fim,
Recendendo guavira.*

*Conceição,
Foi esculpir bugres na noite índia,
Nos riachos puros onde fremem sapos.*

Conceição Ferreira foi uma atriz portuguesa, nascida na aldeia de Lardosa, em 1904. Estudou Arte Dramática no “Conservatório Gil Vicente”, em Lisboa. Veio para o Brasil em 1924, primeiramente para o Rio de Janeiro, onde estreou no Teatro Recreio, ao lado de Henriqueta Brieba. Ingressou na Cia. Teatral Oduvaldo Viana e depois na Cia. Teatral Maria Castro, viajando por todo norte e nordeste.

Chegou a Mato Grosso em 1928. Percorreu as cidades de Aquidauana, Miranda, Corumbá, Cáceres, Cuiabá, Três Lagoas, Campo Grande, Ponta Porã e adentrou o Paraguai.

Recebeu um convite para filmar “Alma do Brasil”, primeira produção cinematográfica do Estado, sobre a Guerra do Paraguai. Resolve então residir definitivamente em Campo Grande, reunindo um grupo de jovens da sociedade local para formar uma pequena companhia de teatro. Os ensaios aconteciam na residência do maestro Emídio Campo Vidal e as apresentações no antigo Cine Trianon.

Conceição Ferreira foi também apresentadora da Rádio Difusora de Campo Grande, PRI-7. Viúva, mudou-se para São Paulo, mas vinha sempre a Campo Grande, onde tinha um filho.

Faleceu em 1992, em Campo Grande, cansada e esquecida.

Quando pequena, eu ouvia muito falar dela e de seu marido, José Ferreira, que era amigos e “patrícios” de meus avós portugueses.

Depois, só tornei a vê-la no teatro Glauce Rocha, em meados de 90, na noite do lançamento do livro “Alma do Brasil”, de autoria do advogado e folclorista José Octavio Guizzo. O livro é relato de como aconteceram as filmagens desse epopéia sul-mato-grossense. Foi uma noite de glória. Conceição, velhinha, magra e faceira, muito pintada, envolta num xale de seda de fundo negro estampado de flores, subiu ao palco aplaudida de pé, o auditório veio abaixo. Infelizmente, o aparelho enguiçou e não pudemos assistir ao lendário “Alma do Brasil” e à comovente cena da mãe com seu filhinho, num incêndio da macega, protagonizada por Conceição.

Mais tarde, minha tia Nicota, de Bela Vista, contou-me um fato inusitado: quando a companhia teatral passava por aquela cidade os meninos saíam gritando pelas ruas, num entonação dramática: “Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira”.

Campo Grande – curiosidades históricas

H. Campestrini

O nome das primeiras ruas

Nem todas as ruas do quadrilátero central mantiveram seu nome primitivo. No sentido sul-norte, as primeiras foram: Rua Afonso Pena (a atual 26 de Agosto, que era conhecida como a Rua Velha); a 7 de Setembro, a 15 de Novembro, a Av. Marechal Hermes (atual Av. Afonso Pena) e uma sem nome (atual Barão do Rio Branco); no sentido leste-oeste: Rua José Antônio (Pereira), 15 de Agosto (atual João Crippa, que foi antes Rua da Constituição), Pedro Celestino, 24 de Fevereiro (atual Rui Barbosa), 13 de Maio, 14 de Julho (que teve o nome mudado para

Rua Aníbal de Toledo, em 1930; e, menos de um ano depois, para Rua João Pessoa – por pouco tempo); Santo Antônio (atual Calógeras), Anhanduí e uma última, sem nome.

Rua do Mangue

A atual Rua Joel Dibo era conhecida como Rua do Mangue, talvez a mais antiga da cidade, na medida em que levava os moradores da Rua Velha (atual 26 de Agosto) aos roçados do Mato Cortado (ou Pontal do Prosa), onde se encontra o Horto Florestal. Lamentável a troca de nome.

Rua Dom Aquino

A Rua Dom Aquino chamava-se originalmente 1º de Março. Rosário Congro, quando intendente nomeado de Campo Grande, pelo Ato n. 8 (de 22-1-1919) mudou o nome da rua para “Rua Presidente D. Aquino”. Naquela data, D. Aquino era o presidente do Estado.

Numeração dos prédios

Rosário Congro, então intendente de Campo Grande, pelo Ato n. 9 (de 12-3-1919), estabelecia: “A numeração dos prédios começará do Poente, tomando-se por base o córrego Segredo, para as ruas que lhe são perpendiculares; para as transversais principiará do Sul, tomando-se por partida o córrego Prosa”.

Dois nomes para o mesmo logradouro

Com a expansão da cidade para o oeste, no sentido dos bairros Planalto e Amambaí, quase todas as ruas paralelas à Av. Afonso Pena receberam outro nome após o córrego Segredo. A Av. Afonso Pena ia, com esta denominação, até o córrego Segredo; daí até a Praça Newton Cavalcânti, continuava como Av. Marechal Hermes.

A então Rua Cândido Mariano (conhecida também por Coronel Cândido Mariano) recebia, após o córrego Segredo, o nome de Y-Juca-Pirama, homenagem a um oficial-aviador da Força Aérea Brasileira falecido em acidente no próprio aeroporto militar. Hoje o nome Cândido Mariano

Rondon é atribuído a toda extensão da rua. O nome Y-Juca-Pirama foi transferido para uma rua de bairro. Morreu, no mesmo desastre, o dr. Vasconcelos Fernandes, também nome de rua.

Praça Newton Cavalcânti

No extremo oeste da Av. Afonso Pena está a praça que leva o nome de Newton Cavalcânti, general comandante da Circunscrição Militar no início da década de 30. Cavalcânti teve participação ativa nos destinos da cidade. Foi dele a sugestão de se erguer o Relógio da 14 (retirado e, anos depois, recolocado no canteiro central, perto da Av. Calógeras) e o obelisco, entre outras iniciativas.

O obelisco

O obelisco, nos altos da Av. Afonso Pena, foi construído em 1933, em homenagem ao fundador, cuja efígie, em bronze, nele figura. Paulo Coelho Machado esclarece: “Para modelo (*da efígie*) foi utilizada uma foto do filho, Antônio Luís Pereira, parecido com o pai, que jamais fora fotografado”.

Primeiro cemitério

O primeiro cemitério de Campo Grande estava localizado onde está hoje a Praça Ari Coelho, mais exatamente na confluência das Ruas 13 de Maio e 15 de Novembro.

Com o arruamento, foi transferido para a Boa Vista (onde hoje está o Senai), no bairro Amambaí. José Antônio Pereira foi enterrado neste segundo cemitério. Em 1914 foi construído o cemitério Santo Antônio.

Rosário Congro escreveu em 1919: “O antigo cemitério de Campo Grande está situado na encosta de oeste, no perímetro suburbano, em local alto e magnífico, de onde se descortina o belo panorama da cidade. O atual, muito mais distante, acessível por um mau caminho cuja boa conservação será dispendiosa, jaz oculto em meio a cerrado matagal, no extremo sul do patrimônio, limitando com a fazenda Bandeira”.

Ironia do destino

A área do cemitério Santo Antônio foi doada por Amando de Oliveira em 1914. Meses depois, Amando de Oliveira foi assassinado, “inaugurando o campo-santo”. A área inicial do cemitério ficava entre a Av. Calógeras e a Rua 14 de Julho. Mais tarde, foi expandida até a Rua 13 de Maio. Isto explica por que o jazigo de Amando de Oliveira se encontra quase no centro do atual cemitério.

Praça Costa Marques

Em 1912, pela primeira vez Campo Grande é visitado pelo presidente do Estado, Joaquim Augusto da Costa Marques. A cidade, na época, era ainda um aglomerado de casas, talvez uns 1.500 habitantes, ainda em torno da Rua Velha (atual 26 de Agosto). Para homenageá-lo foi dado à praça (entre a Joaquim Murtinho e Barão de Melgaço), no final dessa rua, o nome de Costa Marques, mudado posteriormente.

Campo de Marte

Em 1909, o engenheiro militar tenente Temístocles Paes de Sousa Brasil chegou a Campo Grande com a missão de escolher o local para construir o quartel para o Regimento de Artilharia Montada, que aqui se instalaria. Optou pela parte alta da cidade, acima da atual Rua 25 de Dezembro, entre a Av. Afonso Pena e Rua da Paz, área que passou a ser conhecida, já no primeiro mapa, como Campo de Marte. Com a transferência do quartel, ali ficou a Polícia Militar e, mais tarde, a cadeia pública, demolida recentemente para dar lugar ao imponente fórum da Capital.

Cascudo

O bairro São Francisco teve, inicialmente, nome de Cascudo, mudado por sugestão do bispo Dom Orlando Chaves, quando aqui esteve (Campo Grande pertencia à diocese de Corumbá), talvez homenagem aos franciscanos que ali ergueram a igreja e o convento.

Na esquina da Rua 14 de Julho com a Euler de Azevedo (antigamente verdadeiro carreiro), funcionou por vários anos a casa Vai ou Racha, local de crimes (uns tantos movidos a álcool). Em 1965, assisti a um júri

(o tribunal funcionava na antiga Câmara, na Afonso Pena, perto da Calógeras), em que o réu estava sendo acusado de ter assassinado dois homens (dois tiros no meio da testa de um e de outro), em legítima defesa, no Vai ou Racha. Recordo-me bem dele: era magro, alto, meio moreno, calmo, vestido de branco. Absolvido, saiu despreocupado, conversando com a platéia.

Clínica da Figueira

Onde funcionam atualmente os consultórios do Hospital Adventista, na Rua João Crippa, havia uma clínica, início das atividades, na área de saúde (principalmente na dermatologia) dos adventistas. Nas imediações havia uma enorme figueira, daí o nome de Clínica da Figueira. A tradição oral informa que foi debaixo dessa figueira que José Antônio Pereira descansou na chegada a Campo Grande. A árvore, já centenária e veneranda, foi derrubada pela prefeitura sob o argumento de que as raízes estavam atrapalhando o trânsito.

Felizmente os tempos estão mudando!

Pensão Bentinho

No início da atual Barão de Melgaço existia, desde o início do século passado, uma casa, sede de uma chácara que se estendia para os atuais bairros São Bento e Monte Líbano. A casa foi transformada em pensão: Pensão Bentinho, onde se hospedavam fazendeiros e negociantes de gado. Aqueles, porque podiam soltar cavalos e bois no pasto da pensão; estes, porque ali podiam realizar vultosos negócios de compra de gado.

Cheguei a conhecer a pensão, bastante precária, machucada pelo tempo impiedoso, teimosa, acolhendo principalmente chegantes à busca de trabalho.

Seu João

Morei na Pensão Pimentel de maio de 1964 a março de 1966. Seus hóspedes formavam uma família, governada com firmeza por dona Amália. Havia fazendeiros, peões, aposentados, comerciantes, viajantes, pedreiros, professores – uma diversidade até divertida. Entre eles, o *seu*

João, sexagenário, disciplinado, cabelos brancos e lisos, magro, cor de tísico, por causa do chumbo dos tipos da Tipografia Rui Barbosa (onde trabalhava), então de Abel Freire de Aragão.

Seu João tinha um hábito original: comprava o jornal O Globo de sábado (que chegava à cidade com uns quatro dias de atraso) e o lia durante a semana inteira. Nas conversas, após o jantar, comentava conosco as principais notícias. Era o nosso *informante*.

Cabeça de Boi

Até hoje a região da Praça Cuiabá, no final oeste da Rua Marechal Rondon, é conhecida como Cabeça de Boi. Várias as versões sobre a origem do nome. A mais razoável é esta: quando da construção dos quartéis (no início da década de 1920), havia, nas imediações um *bolicho*, onde se reuniam os trabalhadores. O dono do *bolicho* levantou um mastro de madeira, colocando na ponta uma caveira de boi. Os frequentadores começaram a empregar a expressão: Lá na Cabeça de Boi. E ficou.

Portão de Ferro

A fazenda Bandeira, que começava ao sul da Av. Salgado Filho e se estendia por léguas naquela direção, pertencia, no início do século 19 a Amando de Oliveira, que, em 1914, foi morto à traição. A viúva, pouco depois, vendeu a área a um grupo inglês. A atual Av. Bandeirantes era estrada boiadeira para quem procurasse os campos da Vacaria e mesmo Nioaque e Miranda.

Na entrada da fazenda foi colocado um portão de ferro, nas proximidades hoje do cruzamento da Av. Bandeirantes com a Salgado Filho. Toda a região ficou conhecida por esse nome. E durante certa época não foi tão bem afamado assim.

Lagoa da Cruz

A região ao norte da atual Universidade Católica Dom Bosco era conhecida, desde meados do século 19, como Lagoa do Paula. Taunay, quando passou por lá, em 1867, registra o nome. Nas primeiras décadas do século 20, o nome passou a Lagoa da Cruz. Havia, na região, uma

grande lagoa (hoje na propriedade dos Padres Salesianos) e, ao lado da estrada, na entrada para a lagoa, à sombra de uma enorme figueira, havia uma cruz, que segundo a tradição oral, marcava o local de uma tragédia: diversos assassinados, entre eles uma criança (cuja morte foi marcada com o entalhe de uma pequena cruz na cruz maior). Cheguei a conhecer, na década de 60, estas marcas.

A igreja Santo Antônio

Com o arruamento de Campo Grande, a partir de 1909, verificou-se que a igreja de Santo Antônio, construída por José Antônio Pereira, ficava exatamente na Rua 15 de Novembro, próximo à Rua Santo Antônio (hoje Av. Calógeras). Foi Rosário Congro, quando intendente, que conseguiu retirar a “capela pequena e tortuosa”, como escreveu. A construção do novo templo começou em 24 de agosto de 1919, em terreno oferecido “parte pelo sr. Baís e parte pelo sr. coronel José Alves Quito”.

A vertente do dr. Arlindo

O dr. Arlindo de Andrade Gomes, a quem muito deve a arborização de Campo Grande, possuía uma chácara abaixo da linha férrea, que se estendia até além da margem esquerda do Segredo, entre as atuais Rua Cândido Mariano Rondon e Rua Antônio Maria Coelho. Pela Rua Maracaju descia um córrego, cuja nascente ficava perto do Hipermercado Extra. Como desaguava no Segredo dentro da chácara do dr. Arlindo, o córrego era conhecido com o nome de vertente do dr. Arlindo. Hoje o córrego, que provocava alagamentos, está canalizado.

Primórdios do futebol campo-grandense

Reginaldo Alves de Araújo

Em 1932 nascia oficialmente o futebol na bela e convidativa cidade de Campo Grande, sul de Mato Grosso, com a fundação da Liga Esportiva Municipal de Amadores (LEMA) no dia 30 de agosto daquele ano. Mais tarde a LEMA teria seu nome mudado, passaria a chamar-se Liga Espor-

tiva Municipal Campo-Grandense (LEMC), cujos quarenta anos de existência foram marcados apenas pelo sucesso, glória merecida pela abnegação de todos aqueles que trabalharam em prol de sua prosperidade, principalmente na defesa e crescimento do futebol amador.

Antes da LEMA, no finzinho da década de 20, segundo depoimentos de antigos jogadores e incentivadores da época ainda vivos, os primeiros movimentos futebolísticos de Campo Grande tiveram vez no campo do quartel do Exército, num espaço de chão batido, nas dependências do colégio do professor João Tessitore, comprado pelos padres salesianos e transformado no Colégio Dom Bosco, na Av. Mato Grosso. Tanto no gramado do quartel, como no chão batido do Professor Tessitore, surgiram os primeiros craques do futebol campo-grandense. José Oscar Brun, estu-dante do Colégio João Tessitore, considerado o maior zagueiro da década de 30 do futebol campo-grandense, foi um dos primeiros jogadores da Sociedade Sportiva Campo-grandense (SSC), o primeiro time de futebol organizado na terra de José Antônio Pereira, no ano de 1929.

Brun, como era popularmente conhecido, nascido em Assunção, capital paraguaia, em 1913, vindo, aos treze anos de idade, morar em Campo Grande, onde seu pai, deputado José Brun foi nomeado cônsul paraguaio em nosso país. A família desenvolveu a Empresa Vierci y Brun Ltda., organização exportadora de erva-mate, uma das fortes concorrentes da poderosa Empresa Mate Laranjeira, no sul de Mato Grosso.

A Sociedade Sportiva Campo-grandense (SSC), fundada por verdadeiros amantes do futebol, teve como figura expoente de seu quadro de jogadores o ponta-esquerda Valdir dos Santos Pereira, fundador maior e que estaria fadado a se transformar, nos anos brilhantes do futebol sul-mato-grossense, nas décadas seguintes, no grande benfeitor dessa modalidade esportiva.

O uniforme da Sociedade Sportiva Campo-grandense era todo branco (calção e camiseta), sobressaindo na altura do peito do jogador, cravado na camiseta, o emblema em formato de um coração, de cor vermelha, e logo abaixo as letras SSC, também de tom avermelhado.

Além de Brun e Valdir dos Santos Pereira, integravam a equipe os jogadores Nico, Soldado, Quinca, Chico Preto, Inácio, Sargento, Gustavo,

Paraguai, Pernambuco, Magno, Chicão, Carandá e Periquito. Estes foram, reconhecidamente, os primeiros jogadores a comporem um time de futebol em Campo Grande.

Outros times foram surgindo na cidade e, com isso, a chamada “rivalidade esportiva” se fez presente, aumentando o número dos admiradores do futebol. Foram fundados, a partir de 1930, o Democrata Futebol Clube, Sírío Esporte Clube (colônia libanesa), Andaraí Futebol Clube (militares), Cruzeiro Futebol Clube (japoneses), Esporte Clube Juventus, Royal Futebol Clube, Estudantino Esporte Clube e Renner Esporte Clube.

O zagueiro Brun, dezoito anos completos, foi servir o Exército em Ponta Porã. Recruta, nas horas disponíveis, jogava no Internacional Futebol Clube, levantando o título de campeão da fronteira. De volta a Campo Grande, integrou a equipe do Operário Futebol Clube, fundado em 1938. Não demorou muito e o Vasco da Gama o levou para o Rio de Janeiro, onde fez dupla de área com o lendário Domingos da Guia, considerado o maior zagueiro central de todos os tempos do futebol brasileiro. Do Vasco, devido seu bom futebol, Brun foi comprado pelo Botafogo, também do Rio de Janeiro. Na década de 40, feliz da vida, Brun encerrou sua notável carreira no Operário Futebol Clube de Campo Grande.

O zagueiro Brun foi, portanto, o primeiro atleta esportivo a consagrar-se numa outra praça de esporte, emergindo do amadorismo da nossa Campo Grande direto para o profissionalismo no Rio de Janeiro.

Hoje, com 83 anos, goza sua merecida aposentadoria, morando em Campo Grande, no Edifício Aimoré, na Rua Maracaju.

Gonçalves, o maior volante do E.C.Comercial

Reginaldo Alves de Araújo

Uma das estrelas de fulgor impagável do vibrante futebol campo-grandense, desde 1929, data de sua fundação, chama-se Gonçalves.

Francisco Gonçalves Pereira nasceu no dia 1º de abril de 1940, na vila Prosperidade, distrito do município de São Caetano do Sul, Estado de São Paulo. As primeiras letras e a seqüência dos estudos ocorreram na

Escola Estadual de 1º Grau Laura Lopes, na própria vila Prosperidade. Na tenra idade apaixonou-se pela prática de futebol.

Menino ainda teve sua primeira experiência, como jogador, na Vila Prosperidade Futebol Clube, onde se projetou como zagueiro.

De estatura avantajada, logo despertou o interesse do Botafogo F.C. e do Barcelona E.C., ambos de São Caetano do Sul. Aos quinze anos de idade, rigoroso em seus compromissos, conciliava o tempo de jogar bola com o trabalho na fábrica de louça Marinote, em São Caetano do Sul. Também recebia elogios como artesão.

Surgiu na cidade o São Bento E.C. e o presidente levou o zagueiro Gonçalves para o juvenil, porém, meses depois, ele foi conduzido para o infantil de São Paulo F.C., de São Paulo. O técnico Luís Bravi, observador, percebendo o quanto Gonçalves era clássico, o aconselhou a jogar de volante. O treinador estava correto.

O garoto transformar-se-ia, dentro de pouco tempo, em um dos maiores volantes do futebol brasileiro. Estava prestes a completar dezesseis anos, talado, o técnico o levou para jogar no Nacional Futebol Clube, ao lado do goleiro Félix, do artilheiro Parada e de Mário Travaglini que, mas tarde, foi técnico de futebol, time que passou a disputar o campeonato paulista de profissionais. Aos dezessete anos assumiu a condição de titular com brilhantes atuações.

Para honrar a pátria assentou praça na Companhia do Quartel-General, no Parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo.

Naquele ano de 1959 o Exército inaugurou uma série de competições esportivas, incluindo o campeonato de futebol nos quartéis, cuja finalidade era unir os militares. Gonçalves integrou o time da Companhia e bem como da seleção dos militares.

Houve o confronto das seleções de São Paulo e de Santos e foi exatamente nesse jogo que Gonçalves enfrentou o Rei Pelé, na época soldado do quartel da cidade praieira.

Quando a seleção brasileira dos militares foi formada, convocados, Pelé e Gonçalves jogaram juntos e conquistaram a Taça Intercontinental (Sul-Americana) dos militares, em 1959.

Em 1960 Gonçalves jogou no San Lorenzo, da Argentina; retornou para o Nacional, que o emprestou para o Corinthians, onde atuou por cinco meses ao lado dos craques Oreo, Ari Clemente e Rafael.

No dia 2 de fevereiro de 1961, apaixonou-se pela bela paulista Beatriz, casam-se, advindo dessa perene união as filhas Cássia (professora de inglês) e Elaine (pedagoga).

Em 1965, Jacó Bernardes, técnico do Barcelona de São Caetano do Sul, admirador do belo futebol do jovem zagueiro Luís Pereira, solicitou ao Gonçalves que o encaminhasse para um clube maior. Atencioso, Gonçalves o levou para o São Bento de Sorocaba. De lá, Luís Pereira, jogando o fino da bola, foi vendido para o Palmeiras e, convocado, tornou-se um dos maiores zagueiros da história da seleção brasileira.

Em 1964, já craque consagrado, o Nacional o vendeu ao São Bento de Sorocaba. Por quatro anos jogou ao lado dos consagrados Paraná, Luís Pereira, Marinho Perez e Chicão, todos da seleção brasileira. No ano de 1968, dono de seu passe, foi jogar no C.A. Juventus, de São Paulo. Ali conheceu os craques Brecha, Milton Buzeto e Menotti, este depois seria grande técnico da poderosa seleção argentina. Um ano depois o Tekira F.C., da Venezuela, o contratou por oito meses. No ano de 1971 a 1973 voltou a jogar no São Bento de Sorocaba.

Campo Grande inaugurou a era do futebol profissional no início do ano de 1973. Convidado, Gonçalves veio integrar o elenco comercialino nesse mesmo ano e, indicado por ele, foi contratado o ponta direita Copeu, que havia jogado no Palmeiras, de São Paulo. Como jogador, de 73 a 76, Gonçalves conquistou o título de campeão mato-grossense de futebol, em 1975, pelo E.C. Comercial.

Amarrando as chuteiras, atuou como supervisor do clube por sete anos. Como auxiliar técnico do Colorado, assumiu, por força da circunstância, a condição de treinador por 150 vezes, um recorde no futebol brasileiro. Como técnico do clube sagrou-se campeão em 1987.

Gonçalves, vencedor como jogador e técnico, continua servindo ao futebol. É professor de futebol na escolinha do Rádio Clube de Campo Grande. Contando com 66 anos de glória, o craque Gonçalves reside na Rua Jamil Rachif, 207, Coophavila I, na nossa Campo Grande.

Tenente Constantino

Ulisses Serra

Além do pioneiro José Antônio Pereira, Vespasiano Martins advogava para Maria Abranches, João Nepomuceno da Silva, Manuel Vieira de Almeida, Bernardo Franco Baís e Amando de Oliveira a condição histórica de fundadores de Campo Grande. Quanto ao último, depunha: – Um tanto autoritário, valente, já veio tardiamente, mas deve ser lembrado, pois trouxe um pouco de ordem, impôs certo respeito aos que praticavam toda espécie de tropelias (Conferência pronunciada no Rotary, em agosto de 1943). Naqueles tempos agitados, de povoação sertaneja e por aqui a se cruzarem muitos caminhos, se não se fosse um tanto ou muito arbitrário, num sentido construtivo, não se manteria a ordem. Para preservá-la, a façanha do paulista audaz e líder de grande poder aglutinador, foi a de derrotar o caudilho gaúcho Bento Xavier, que, na madrugada de 12 de junho de 1911, invadira Campo Grande, comandando uma força de cerca de trezentos homens. Para repelir o invasor, que trazia o sul-mato-grossense inquieto, Amando de Oliveira não contou com a ajuda da pequena guarnição federal, composta de quarenta homens, de vez que o seu comandante, ten. Constantino de Sousa, fugira à aproximação do gasca belicoso. Esse fato gerou outros que inimizaram os dois chefes, o civil e o militar.

No dia 27 do mesmo mês, por motivo que a crônica histórica não registra, o tenente Constantino mandou prender Amando de Oliveira. Preso, ao passar pelo edifício da prefeitura, onde o juiz de direito, que fundara a comarca, dr. Arlindo de Andrade Gomes, despachava papéis da judicatura, impetrou-lhe verbalmente uma ordem de hábeas-cópus. O pernambucano brilhante e sonhador, filósofo e botânico muito mais que jurista, concede-lhe, também verbalmente, a medida. O magistrado apanha um livro, que, segundo ele, continha a lei em que se estribara. E quando o oficial chega, fica enfurecido, arrebatou-lhe o livro das mãos, golpeia-o na cabeça com o próprio livro, jogando-o ao chão. O magistrado é preso e sua casa lacrada, como presas, também, foram outras pessoas eminentes. Amando de Oliveira evade-se e logo retorna, comandando peões, boiadeiros, políticos e outros cidadãos, que rapidamente se reu-

niram para a reação. Diante da situação grave e que se agravava, o oficial liberta os presos e faz, nos dias seguintes e à noitinha, à boca da estrada que demandava Aquidauana, evoluções com seus soldados, para dar a impressão de que recebera reforços. Lança um manifesto e retira-se do povoado com sua tropa.

Logo que os homens de Amando de Oliveira se dispersaram, uns voltando ao seu balcão, outros à sua oficina, ao seu laço de criador ou à sua repartição, o militar retornou à vila e emitiu um decreto *sui generis*, o mais original que já se leu no Brasil, com o seguinte texto:

“O 1º Tenente, Constantino de Sousa, atendendo às condições atuais da região sul de Mato Grosso, sem segurança e sem governo e que esta Vila se acha sem autoridade;

Atendendo que se trata de uma região de fronteira,

DECRETA:

Art. 1º – Fica desde esta data no estado de sítio a Vila de Campo Grande e todo o seu município;

Art. 2º – Contra todos indistintamente que perpetrarem crimes contra a ordem pública e a segurança das autoridades a Chefia de Polícia Militar, ora criada, aplicará a lei de guerra;

Art. 3º – A Agência do Correio, os Cartórios Judiciais, a Intendência Municipal serão fechadas e seladas até a competente ordem;

Art. 4º – Tendo retirado-se desta Vila o Juiz de Direito, mando interditar e guardar a sua casa, não havendo trabalho judicial até segunda ordem.”

Na ocasião, sob impactos emocionais e quando não se podia prever a extensão da violência, esse decreto teve efeitos dramáticos. Hoje, sessenta anos depois, é pitoresco, saboroso e quixotesco. A imprensa carioca o glosou, carreando dificuldades para o ten. Constantino, que foi removido e castigado. Sua defesa seria difícil frente àquele documento, que por si só o condenava.

Dizem que era epilético. O ideal seria que se tomassem tais cautelas, que soma alguma de poder fosse, nem momentaneamente, enfeixada nas mãos de portadores de insanidade mental de qualquer gênero. Da turbulência, dois fatores resultaram positivos: a reação do povo e a conduta dos superiores da autoridade que se desmandara.

(CAMALOTES E GUAVERAIS)

Árvores da cidade

Ulisses Serra

Campo Grande, como nenhuma outra das suas irmãs mato-grossenses, adorna-se com o esplendor de muitas árvores, que vivem conosco há muitos anos e há muitos anos nos dão carícias e a beleza das suas verdes umbelas. Nos meses estivais, quando a névoa seca das queimadas envolve a cidade e dá-lhe cor cinza, de tédio e de tristeza, num revide elas se tornam mais verdes e cobrem-se mais de flores, flores cor de ouro dos paratudos, dos cambarás e das sibipirunas, mormente das flores rubras e lilases das primaveras.

A mais velha delas, lendária mesmo, foi aquela imensa e secular figueira da Rua 15, que noutros tempos abrigava casais de namorados e nunca foi inconfidente. As águas pluviais que desciam escachoantes, violentas, ameaçadoras pela Rua José Antônio, punham à mostra a nervura das suas raízes. Impávida, sobranceira, resistia à insídia da erosão, como se aguardasse socorro. Resistiu à fúria das águas, não resistiu aos golpes de machado, que impiedosamente homens lhe vibraram até matá-la. Teve a mesma sorte do velho cambará da Rua Sete. Este, porém, tinha fronde pequena, seca e atrofiada, tronco exangue de seiva e para sua desdita nascera em meio à via pública. Quando começaram a destruí-lo, o poeta Hugo Pereira do Vale, talvez ouvindo os seus clamores, veio acudi-lo. Alegou que sob suas franças, outrora verdes e fartas, brincaram crianças do seu tempo, primitivos moradores amarravam suas montarias ao seu tronco e carroceiros descansavam à sua sombra. Foram inúteis as românticas exortações do bardo à piedade dos homens. Resultaram, contudo, belas páginas de lirismo, aflitivas e enternecedoras, ao contrário da velha figueira que morreu, sem loas e ditirambos.

Há na Rua Antônio Maria Coelho, na casa conventual das Irmãzinhas Jesus Adolescente, um belíssimo paratudo. Antes que tivesse um muro a protegê-lo, durante cerca de quarenta anos, meu tio João Alfredo, que morava ao seu lado, cuidou da sua integridade. Nos meses caniculares desnuda-se de folhas e cobre-se todo de flores amarelas. Diferente dos seus irmãos, é alto, esguio e, quando florido, nem parece árvore, mas um gigantesco ramo de fulvas flores.

O jequitibá da Praça Ari Coelho, plantado em 1922, não ganhou porte alto e dominador, sequioso de receber nas alturas os beijos loiros do sol, mas o dr. Arlindo de Andrade, que o plantara, explicava-me que lhe faltara o espartilho verde da floresta.

Há nessa mesma praça um cabeça-de-negro, alto, fino, elegante como uma paineira imperial, mas de fuste liso, quase negro.

Porque me acaricia e dá-me ainda frutos e fragrâncias, tenho como particularmente belo o pequizeiro da minha pequena casa de campo nos arrabaldes da cidade. Agora, neste findar de outubro, lança flores ao chão, de lindo e suave amarelo, corolas de cinco pétalas e pistilos fartos e longos.

Se a gente atenta bem, ouve o leve rumor da flor tocando o solo. Depois, a ciranda festiva das flores, impelidas pelo vento a rolar pelo chão. Na frutificação, o áureo e trescalante pomo, que se encobre e se esconde em verde polpa, dá cor, sabor, perfume a uns mais típicos e deliciosos pratos da culinária norte-mato-grossense e ao famoso licor que traz o seu nome.

Verdade que mais úteis e materiais, que melhor acolhem e maiores galas vegetais dão à cidade, são aquelas aléias de ficus e ingazeiros da Avenida Afonso Pena. Plantou-as inicialmente o dr. Arlindo de Andrade, que todas as manhãs, quando ainda tenras, ia afagar-lhes, entre as mãos, as folhas.

Dr. Vespasiano Martins, prefeito duas vezes do município, plantou muitas árvores. Quando arrancaram muitas delas ou lhes deram fortes podas, a conselho e com assistência de agrônomos, aquilo lhe pareceu um vandalismo. Saiu do seu recesso de enfermo para defendê-las. Mas sua pena não estava mais acerada de ironia e contundente de agressividade como estivera noutros tempos. Estava sentimental e romântica, somente um ou outro lampejo de cólera. Quando viu troncos serrados e empilhados, cobertos pelas cabeleiras verdes das frondes, disse-me angustiado: – Não posso assistir, de braços cruzados, à degola de minhas filhas!

Contudo, a mais piedosa é aquela paineira que se ergue na Av. Calógeras, a caminho da nossa principal necrópole. Lança flocos ao chão, leves, brancos, talvez para suavizar o caminho daqueles que buscam o

último repouso. Não menos bela a paineira da 4ª D.C. Pois na caserna também se ama o belo e se poupam suas árvores.

Dando características à cidade – e já lhe serviram de antonomásia – as primaveras rubras e lilases, lindas, coloridas, como alhures não há. Umas, disciplinadas pelo homem, crescem verticais, formam taças ou girassóis sanguíneos; outras, como odaliscas sensuais, deitam-se preguiçosas sobre latadas, como aquelas da pérgula da Praça da Liberdade. Assim, como para o Poeta do Mar, velhos troncos riam no riso em flor das parasitas, a nossa cidade ri no riso festivo e rubro das suas buganvílias.

É possível tenham sido elas e não a terra vermelha de Campo Grande que deram ao bispo e poeta a impressão de que passara por aqui um aluvião de pétalas vermelhas ao sopro do pamepeiro...

(CAMALOTES E GUAVIRAIS)

Eliseu e a santa

Ulisses Serra

Eliseu Ramos foi um homem forrado de rijos princípios morais. Tinha todas características da nobre gente montanhesa. Duas obrigações o absorviam: a de gerente da Casa Caldeira e a de católico fervoroso. Não era folião mas se comprazia em preparar carros alegóricos para o carnaval de Uberaba.

A vida corria-lhe suavemente, sem tropeços e angústias, quando os astrônomos previam a aproximação do cometa Haley. Os jornais do mundo armaram clima emocional, prevendo a hipótese de a Terra comburir-se, ou contaminar-se de gases letais. Soariam as terríveis trombetas do Apocalipse.

Eliseu se impressionou, não com o derradeiro e terrível ajuste final, porém com os dias não vividos, que são vividos na rotina, iguais, incolores, de planícies áridas, sem árvores, sem ninhos nas frondes e regatos murmurejantes. E passou a sugar avidamente o que mais podia, o que de bom a vida ainda lhe podia dar. Paixões secretas, encarceradas, agrilhoadas dentro dele vieram à tona e desceram violentamente ao domínio

público. Seis de agosto de 1910, dia anunciado para o grande *show* de luzes ou para a catástrofe, chegou. O Haley se aproximou da Terra, iluminou-a, resplandeceu-a com um turbilhão de luz. O Amazonas, as Sete Quedas, as cataratas do Iguazu e as faldas nevadas dos Andes, se reunidos num só conjunto e numa só visão, não equivaleriam ao esplendor daquele corpo celeste, abarcando a Terra de horizonte a horizonte, com a sua cauda luminosa. Um misticismo comovedor se apoderou de todos, como se todos sentissem a presença inconsútil, difusa, apoteótica de Deus. Ao terceiro dia de deslumbramento já desaparecia a maravilhosa faixa de luz, distanciando-se da Terra, mergulhando-se nas distâncias infinitas. Sabiam os homens que não poderiam revê-la na sua volta cíclica de setenta e seis anos!

Eliseu vexou-se do seu descomedimento, talvez só exagerado na sua sensibilidade. E não quis mais viver em terras de Uberaba. Viajou léguas de sertão, transpôs matas, rios e cerrados e chegou a Campo Grande. Aqui foi um homem bom, severo e piedoso. Com algumas carretas mineiras, lentas e chiantes, pôs-se a mascatear. Pediu a N.S. da Abadia, santa de sua fé, que se fosse feliz no seu comércio volante instituiria sua devoção, fazendo-a padroeira do seu povoado. Foi. O cônego Miranda o ajudou a cumprir sua promessa. Depois, na tosca igreja da Rua 15, coberta de telhas trazidas das ruínas jesuíticas de Camapuã, construída por via de outra promessa, esta do pioneiro José Antônio, Eliseu rogou novamente à Santa que se Campo Grande fosse poupada da varíola que assolava Uberaba, ela teria sua imagem entronizada aqui. Eliseu mais uma vez foi ouvido.

Em 1912 adquiriu à Casa Lourdes, de São Paulo, a prometida imagem, bonita, colorida, de feições maternas. Remeteu-a de trem até Jupia, nas margens paulistas do rio Paraná. Em Três Lagoas ficou sob a guarda da Casa Caldeira. Veio de lastro à estação Senador Vitorino e até Rio Pardo em carroças do próprio Eliseu. A última etapa foi confiada a Zé Bento, que a trouxe em carretas de bois e entrou triunfalmente no arraial. A imagem ficou vários dias exposta à visitação pública na Pensão Bentinho, a nossa mais antiga casa de cômodos, que galhardamente ainda resiste à ação roaz do tempo, apoiada nos seus esteios e vigas de aroeira, com uma incontável sucessão de donos.

No dia 6 de agosto, do mesmo ano, um longo e contrito cortejo levou-a para o altar da igreja de Santo Antônio. O cônego Miranda, que mais tarde abandonaria as vestes talaes e teria fim trágico, recebeu-a festivamente. De joelhos postos no chão, o sacerdote rezou o primeiro terço frente à Santa. Dia 15 foram soleníssimas as comemorações em louvor de N. S. da Abadia. Segundo uns, a banda do maestro Cabral; segundo o próprio Eliseu, a 26 de agosto, organizada e regida por José Passarelli, juntou ao incenso dos turíbulo e aos cânticos sacros os seus acordes, elevando-os para o céu. Como festa complementar e coleta de óbolos, a quermesse se dilatou por vários dias. A linda menina moça que coroou a Santa é essa criatura de infinita bondade, de elegante porte senhorial e mãe de uma progênie brilhante, que é D. Adelaide Barbosa Martins. Dos festeiros, sobrevive o cel. Antônio Antero Paes de Barros, de físico e espírito resistindo galhardamente aos anos.

A igreja de Santo Antônio, na força da tradição, sempre trouxe evocações e enlevos à nossa gente, pois durante muitas décadas foi o único templo católico do povoado e da cidade que o sucedeu. À sua pia batismal foram levadas as crianças campo-grandenses e pela sua nave desfilaram as nossas noivas, levando à cabeça grinalda e véu e nos corações, esperança e sonhos.

O velho mineiro, quanto mais envelhecia, tornava-se mais sereno e invulnerável às farpas do destino. Passou a ir mais freqüentemente à igreja. A Santa era dele. Fora ele quem a trouxera de longe, instituíra sua devoção e era o seu devoto mais antigo. Dialogava com ela, contava-lhe suas aflições, rogava-lhe orientação e mercês. Saía do templo calmo, tranqüilo, alma espungida de mágoas e tristezas. Se a graça invocada vinha prontamente, fora atendido; se demorasse, a ação do tempo por si só era bálsamo, minorava-lhe ou extinguiu-a dor. Feliz aquele que tem na sua fé uma N. Senhora entronizada. Conversa com ela, no sussurro da prece, ouve-a, segue-a, esquece-se dos cardos e pedregais dos caminhos. Não vê em nenhum homem um cáctus espinhoso e verde mas uma palmeira verde, ereta, airosa, querendo atingir as alturas infinitas para apanhar pedaços azuis do céu e beijar as estrelas. Assim era o Eliseu.

(CAMALOTES E GUAVIRAIS)

As quaresmeiras em flor

Zorrilo de Almeida Sobrinho

Passado o carnaval, começa a quaresma. E como antecipando-se a essa época do ritual religioso, as árvores, denominadas quaresmeiras, engalanam-se, como se estivessem numa nova primavera, e embelezam a cidade de Campo Grande (MS), com as suas copas de variados tons de roxo e lilás, a coisa mais linda do mundo.

E minha alma também se renova e se rejubila com o início deste novo ciclo da natureza. Daqui a pouquinho teremos o outono e a aproximação da frieza do inverno, e como se já fosse uma despedida dos dias ensolarados e belos, as quaresmeiras florescem, como num último impulso de afirmação da vida, antes do recolhimento do outono e do inverno.

E eu também volto, ciclicamente, aos meus velhos pensamentos sobre a beleza e a filosofia da vida. Keats, mais uma vez, comparece com o seu imortal verso: *a thing of beauty is a joy for ever*. E este instante de beleza das quaresmeiras é uma alegria para sempre. Desde Sorocaba, quando eu as conheci, tentei colocar uma em frente da minha casa sem o conseguir. A beleza é uma jóia que, às vezes, se esconde, permanece oculta, como no rosto de uma mulher bonita, ou numa flor, mas se esconde na alma de um artista poeta, ou de um pintor que pinta belos quadros, ou de um músico que compõe belas melodias, ou de um devoto que entoa salmos à divindade. O Senhor propicia as estações para que o homem compreenda que a natureza é de um perpétuo renovar e de uma perpétua mudança. E a vida também.

E o mundo gira, embora se diga que a oportunidade é careca, e tem apenas um fio de cabelo que é preciso agarrar, quando surge a ocasião, na verdade, com as voltas que a terra dá a oportunidade pode surgir outra vez, e aí sim, com a experiência adquirida não se deve deixar passar a segunda ocasião.

O homem procurará sempre, com ansiedade, porém hesitante e indeciso, a beleza e a felicidade, e nem sempre sabe se orientar, sobretudo se se lhe apresentam, simultaneamente, diversas oportunidades. Ele fica perplexo, e não sabe qual delas escolher. Contudo, desde o enigma de

Édipo, o homem ou sucumbe ao destino ou se faz senhor dos acontecimentos como Alexandre, o Grande, quando cortou o nó górdio que deveria ser desatado.

Tal é o caminho do homem na vida. E a escolha é sua, senhor ou escravo, porque as quaresmeiras continuarão a florir qualquer que seja a trajetória da aventura humana.

Campo Grande

Guimarães Rocha

Amar a terra em que se vive
É viver de verdade
Sentindo o tempo e o espaço
Contribuindo com a expansão
Do amor fraterno
Aprimorando todos os trabalhos
Em torno dos próprios passos

Meu amor morena
É esta cidade
Cheia de encantos
Desejos e curvas maravilhosas
De ornamental contorno

Mais que ruas
Prédios e viadutos
Parques e praças
Carros e casas
É gente
Ternura
Beleza
Alegria

Segredo e Prosa cortam
A Cidade Morena,
Guardam e cantam mistérios...

Dos desalentos que se foram
O prosa ficou mudo
E o segredo contou tudo;
É que suas veias e artérias
Transportam mais que água e sangue,
Máquinas e gentes

A Cidade natureza
De iluminados acertos
Harmonizou vivências

Com os migrantes
De todos os lugares do mundo

Morena é a cidade que você degusta
Tez macia, veludo matinal
De todas as maçãs

Impulso vital
Força de trabalho
Coragem à flor do dia

A noite testemunha

Guimarães Rocha

A boca da noite
Escancara todos os perfumes

Vivem-se fantasias
Ao contemplar
O amor-proibido

Por conveniência
As horas não passam
O orvalho começa
A dar um brilho especial
Às flores de maio

Tudo é perfume
Na avenida Afonso Pena
Os canteiros
As estrelas testemunham

A lua é cúmplice
Viva luz dentro do peito
Reacende o fogo
Da paixão

Reinventando o dia
A madrugada chega
Envolta com alegria
Mistérios do amor
O sol bate palmas
Em minha janela
O despertar em Campo Grande
É assim

Rio Campo Grande MS

Guimarães Rocha

Campo Grande MS-rio acima
Do cimento-concreto
É também força mística
Canto do meu canto

Cidade minha
E dos corações que a amam

Indefinível beleza
Elevando energia
Da noite e do dia

Dos movimentos harmoniosos
Das construções silenciosas
Os enigmas tornam-se êxtase
Clareza dos meus sonhos
Vidência da minha realidade

Campo Grande é um rio de amor
Em Mato Grosso do Sul

Tardes de Campo Grande

Rubenio Marcelo

As tardes de Campo Grande
desvendam álgebras de poesia...
São tardes de fábulas
tecendo parábolas
com grã primazia.
Claras esperanças
nas flamas que ardem
são perseveranças
na tez destas tardes...
As tardes daqui
embalam sonetos, trazem madrigais
de acordes risonhos...
Despertam murmúrios, fecundam canções
de Amores e Amigos
e de antigos sonhos...
São tardes amenas
(sublimes librés)
que abraçam varandas,
prosas, tererés...

São tardes serenas
que guardam cirandas
no ventre das horas tecendo poemas...
As tardes daqui
são campo-grandenses,
são tardes tranqüilas, tardes-cantilenas,
tardes sem alardes...
São tardes morenas!

Pequeno canto para Campo Grande

Rubenio Marcelo

Há 107 agostos, nascia um arraial
Num antigo Mato Grosso de riqueza natural.
José Antônio Pereira, com dedicação mineira,
Firmava marco legal!

E logo esse vilarejo transformou-se em cidade,
Devido sua posição de grande fecundidade...
Nos trilhos da ferrovia, o progresso cada dia
Trazia a felicidade.

Peões e pecuaristas e grandes industriais;
Agricultores e ainda artistas artesanais
Chegaram determinados, em pégasos indomados,
Com fibra e bravura assaz.

No ano setenta e sete, por uma Lei Federal,
O Mato Grosso do Sul fora criado, afinal.
Destarte, nesta escalada, Campo Grande é nomeada
Pra ser referencial.

A partir desta conquista, Campo Grande, a capital
Do Mato Grosso do Sul – Estado do Pantanal –
Acelerou os motores da economia e os setores
Político e Cultural.

A população cresceu com grande intensidade;
Migrantes de Norte a Sul chegaram nessa cidade,
Com brio e com galhardia, em busca de moradia,
De paz e prosperidade.

E no Planalto Central, gaúchos e nordestinos,
Paranaenses, mineiros, com mulheres e meninos,
Empreenderam afã... Assim, nessa Canaã,
Traçaram os seus destinos.

Segundo a estatística recente, oficial,
Mais de setecentos mil é o contingente atual
Da altiva população, que, com orgulho e paixão,
Reside na capital.

Nessa sazão guarani, também cheguei num verão;
Com uma saudade imensa roendo o meu coração;
Mas logo vi, em verdade, que essa Morena Cidade
Seria o meu novo chão!

Aqui, nesse Grande Campo, constituí o meu lar;
Fiz amizades fiéis, iguais àquelas do mar...
Já conquistei grãs vitórias e angariei tantas glórias
Que nunca pude pensar!

Por isso, neste ensejo, meu coração concatena,
Saudando, assim, Campo Grande, em singela cantilena:
– Tenha sempre a paz celeste, Rainha do Centro-Oeste,
Bela Cidade Morena!

Primórdios de Campo Grande

Rosário Congro

Em 1872, a quase deserta região meridional da então província de Mato Grosso compreendia, apenas na vastidão dos seus trezentos mil quilômetros quadrados, aproximadamente, as vilas de Miranda, outrora

presídio do mesmo nome, fundado em 1797, e Santana do Paranaíba, além das povoações de Nioaque e Coxim.

A invasão paraguaia, levando às poucas e longínquas fazendas, como por toda parte, o saque, o incêndio, a morte, os horrores da guerra, em fúria selvagem, devastara grande parte do imenso distrito de Miranda, dando lugar a que nas suas planícies e nos seus montes e nos seus rios, se realizassem a dolorosa trajetória da coluna de heróis e de mártires comandadas pelo coronel Camisão e, nos Dourados, o sacrifício homérico de Antônio João.

Expulso o invasor do solo sagrado da pátria, morto Solano Lopez, o tirano, acuado nas cordilheiras de Aquidabã, voltavam, para a reconstrução dos seus penates os que, conseguindo escapar à sanha do inimigo sanguissedento, se haviam refugiado nas alturas da serra de Maracaju.

Foi então que José Antônio Pereira, velho sertanista mineiro, já sexagenário, deixando o seu arraial de Monte Alegre, nas proximidades de Uberaba, se fez com destino a Mato Grosso com seus filhos Antônio Luís e Joaquim e quatro camaradas, em busca de terras devolutas para lavoura e criação.

Pelo entardecer de 21 de junho de 1872, chegava a pequena comitiva à confluência dos córregos mais tarde denominados Prosa e Segredo, no lugar onde está situado hoje o matadouro municipal, ponto escolhido para o pouso daquele dia e depois definitivamente adotado.

Em breve ali se ergueu a morada dos intrépidos viajores: um pequeno rancho coberto com palmas de *uacury*, célula primordial que foi da progressista cidade de hoje, mui justamente chamada – a Pérola do Sul.

Não tardou a derrubada pelas imediações, o fumo da queimada em pouco se elevou e, em tempo curto, tremulavam, à viração constante, as flâmulas verdes e promissoras da primeira roça.

Por entre o milharal, outros cereais cresciam, num viço que atestava a feracidade extraordinária do solo.

O primeiro contratempo, porém, não se fez esperar: extensa e escura nuvem de gafanhotos, pousando, dera cabo da luxuriante plantação, mas o espírito forte, inquebrantável de José Antônio Pereira,

caldeado nas vicissitudes da vida, não se abateu ante a destruição produzida pelos terríveis insetos.

Distava doze léguas o morador mais próximo, proprietário de uma fazenda que a invasão inimiga fizera abandonar por alguns anos, tornando-a tapera, o gado perdido, internado nas selvas, volvido feroz.

Era ali que ia suprir-se Pereira da sua principal alimentação, que era carne dos vacuns bravios comprados a 15\$000 e abatidos a tiros, em verdadeira caçada.

Com a carne, para cuja conservação a secagem substituía a absoluta carência de sal, a caça, que era abundante, o mel recolhido nas matas e morangas e abóboras, não atingidas pela praga dos ortópteros, constituíram o passadio daqueles valentes sertanejos.

Bem fácil é imaginar a tristeza que aquelas almas envolvia quando as sombras da noite desciam sobre a terra. Um fogo no terreiro, sons plangentes de uma viola tangida com o sentimento, uma cantiga dolente repassada de infinita saudade, depois... a nostalgia, o silêncio profundo do deserto!

E, cortadas de quando em vez pelo rugido do jaguar, como eram longas as noites, sem o canto do galo anunciando o clarear do dia, e vazias as manhãs, sem o mugir do gado!

No ano seguinte, José Antônio Pereira regressou a Monte Alegre, deixando o seu rancho e a lavoura incipiente entregues a João Nepomuceno, com quem se associara.

Nepomuceno era caboclo de Camapuã, um arraial que morria, situado na antiga fazenda imperial do mesmo nome, nas cabeceiras do Coxim, e que ali aparecera “de muda” para Miranda, quebrando a monotonia do ermo com dois carros de bois que o peso da carga fazia chiar nos eixos.

Só em 1875 voltou José Antônio, trazendo sua família composta de sua mulher, Maria Carolina de Oliveira, seus filhos Antônio Luís, Joaquim Antônio, Francisca, Persiliana, Constança, Ana, Rita, Maria Nazaré, e três tutelados, e mais as de Manuel Gonçalves Martins, João Pereira Martins, Antônio Pereira e Joaquim Olivério de Sousa, além de muitos agregados.

Em busca não mais do desconhecido, mas de uma região habitada apenas por tribos selvagens e animais ferozes, se pôs a caminho a caravana dos modernos bandeirantes, dos audazes pioneiros da civilização em tão belas porém incultas paragens.

Compunha-se ela de 62 pessoas ao todo, com seis pesados carros mineiros, nos quais vinha não pequena provisão de tudo quanto pudessem necessitar, além de sementes diversas e mudas de cana-de-açúcar, café e outras plantas, devidamente acondicionadas.

Era seu guia, por mais curtos caminhos, o prático Luís Pinto Gamaíães, cuiabano, então residente em Uberaba, e seis longos meses foram consumidos nessa penosa e arriscada empresa, verdadeira cruzada em marcha para a solidão.

Ao transpor a comitiva as águas do Paranaíba, muitos dos seus membros foram acometidos de *matadera*, uma febre *malina*, aniquiladora até a morte, endêmica naqueles sítios. Esta desagradável ocorrência obrigou José Antônio à demora de um mês e meio na vila de Santana.

Espírito eminente religioso e fervoroso devoto do taumaturgo de Pádua, o velho mineiro, a despeito da aplicação de raizadas aos enfermos, no que era experimentado, concentrou-se um momento e, cheio de fé, balbuciou a piedosa promessa de erigir, no ponto do seu destino, uma capela em glorificação a Santo Antônio.

Fundos sulcos de simpatia deixou José Antônio Pereira entre habitantes de Santana, dos quais conquistara estima e gratidão, pelas curas desinteressadas que ali fizera, quando, sem que tivesse perdido um só dos seus doentes, se pôs de novo a caminho dos admiráveis campos de Maracaju.

A 14 de agosto chegou o comboio dos destemidos viajadores ao termo da sua jornada, não mais encontrando Nepomuceno, que fora substituído, na posse das benfeitorias realizadas, por Manuel Vieira de Sousa, chegado meses antes em busca, também, de terras devolutas, e a quem tudo vendera por 300\$000.

Não tardou que, pela margem do córrego depois chamado Prosa se alinhassem os ranchos dos novos moradores. Os dias corriam felizes para aqueles abnegados povoadores do sertão, longe dos centros popu-

losos onde a civilização oferece todo o conforto da vida moderna, mas onde a flor do mal viceja enganadora.

A cornucópia de Ceres espalhava pelos habitantes do povoado nascente os abundantes frutos da gleba feracíssima.

À noite, em volta ao fogo no terreiro, contentes do trabalho, espoucavam eles em canto e riso e danças, em alegria enfim, aos sons cadenciados das violas, pandeiros e concertinas, o que constituía um regalo para os pacíficos “coroados”, atentos espectadores por entre os ramos da mata fronteira, na margem oposta, e que se punham em fuga ao serem pressentidos.

Corria o ano de 1879 e era chegada a vez de José Antônio Pereira cumprir o seu voto. Preparados os esteios da rígida aroeira, e sob a invocação de Santo Antônio do Campo Grande, em referência às vastas campinas vizinhas, levantou-se em breve a capela, construída de taipa e coberta de palmas, bem como o tosco e alto cruzeiro que ainda se ostenta no adro.

Não descansou, porém, enquanto a não viu coberta de telhas de barro, indo ele mesmo buscá-las ao abandonado Camapuã, distante trinta e cinco léguas, das ruínas de um templo centenário ali erigido pelos jesuítas, em época remota.

Tempo depois o padre Julião Urquia, vigário de Miranda, sagrando-a, celebrava o sacrifício da primeira missa ouvida sob o seu teto, e nela realizava o batismo de muitas crianças nascidas no arraial e também o consórcio de Antônio Luís Pereira com D. Ana Luísa Pereira, filha de Manuel Vieira de Sousa.

Para comemorar tão auspicioso acontecimento se fazia necessário, imprescindível mesmo, que um festivo repique elevasse aos céus, em hosanas, os seus metálicos sons. Um recipiente de ferro batido, então, suspenso a uma trave, tangido por improvisado sacristão, acordou os ecos em alegre bimbilhar...

José Antônio dotou a ermida, logo depois, de um pequeno sino mandado adquirir em Corumbá, e a gente boa e simples do povoado, ao toque do sagrado bronze, reunia-se para as rezas em coro, cantadas a Deus.

Em 1888, recebia a capela um outro sino, dádiva de João Pereira Martins, e são os que ainda hoje, vibrando, chamam os crentes à oração do dia.

Amiudadamente, o velho cura de Miranda, de Nioaque depois, visitava a povoação, realizando casamentos, batizados e festividades religiosas.

Os córregos, àquele tempo, tiveram também as suas pitorescas denominações: originaram-se elas, para o que rola as suas águas, em pequenos saltos, das elevações de leste, na loquacidade dos moradores, reunidos amiúde à sua margem, “ferrados na prosa” em costumado e aprazível ponto, sob a copa enorme de uma figueira-brava, e, para o que tem as suas cabeceiras nos espigões do norte, por não ter João Pereira Martins “guardado segredo” de ocultos intuitos de Joaquim Olivério, revelação que teve no lugarejo a retumbância de seu primeiro escândalo.

No local da atual praça municipal, construiu-se naquele mesmo ano irregular cercado do pequeno cemitério, mais tarde ampliado e transferido por José Antônio, verdadeiro patriarca, para a encosta de oeste, onde ainda existe, em abandono, e do qual se descortina o belo panorama da cidade.

Nesse modesto campo-santo, tomado pela capoeira, jaz, esquecida, a cova rasa de José Antônio Pereira, falecido a 8 de janeiro de 1910.

(O MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE, 1919)

A influenza espanhola

Rosário Congro

Surgindo em Dakar, a “gripe” espalhou-se por todo o orbe de nada valendo as perfeitas organizações sanitárias das grandes capitais, nem mesmo as afamadas da Alemanha e da Suíça.

Depois de haver semeado o luto e a dor na bela capital da República, em S. Paulo e inúmeras outras cidades do território nacional, a doença atingiu também o nosso Estado, onde, felizmente, se manifestou de caráter benigno, apesar do seu extraordinário poder de expansão.

Não logrou esta cidade passar indene, e a 3 de novembro do ano findo irrompia o mal em Campo Grande alcançando, em poucos dias, proporções assustadoras.

A falta de todos os recursos profiláticos e de isolamento, além de outros, converteram a cidade num vasto hospital, sendo de uma louvável dedicação, digna de todos os encômios, o ilustrado corpo clínico, em sua árdua tarefa.

Na impossibilidade de organizar um serviço de hospitalização pela falta de um edifício que reunisse as condições exigidas de higiene e conforto, resolvi organizar um serviço de ambulatório, deficiente ainda assim, pela carência de pessoal, mesmo a soldo, e mandei distribuir o seguinte boletim:

“A pandemia reinante alastra-se por toda a cidade, menosprezando todos os recursos profiláticos, como se tem verificado no Rio, em S. Paulo e nas grandes capitais européias, onde ainda perdura.

A moléstia tem-se manifestado, felizmente, benigna; a situação, porém, agrava-se por terem enfermado vários membros do nosso dedicado corpo clínico, sobrecarregando de atividades e trabalho os demais doutores, já exaustos por certo e igualmente ameaçados.

Uma farmácia fechou suas portas por ter caído todo o seu pessoal e começa a escassear, pela mesma causa, o fornecimento diário dos gêneros alimentícios indispensáveis aos doentes, como leite, galináceos e outros. O intendente municipal, no intuito de minorar a situação que se apresenta, pede a notificação de todos os casos em que se verifique a necessidade, não só de medicamentos como de outros recursos, inclusive de pessoal.”

Cento e cinquenta e seis receitas foram aviadas por conta da Intendência e muitos remédios foram remetidos para a zona suburbana e rústica, onde era grande o número de enfermos e dos quais, diariamente, afluíam os pedidos de socorros.

No edifício da escola municipal, tendo adquirido leitos e roupas, hospitalizei seis doentes que, com o doutor delegado de higiene, encontrara num casebre, distante uma légua da cidade, sem recurso de qualquer espécie, tendo-se verificado ali, pela manhã desse dia, o falecimento de outro morador, cujo enterramento providenciei.

Posteriormente, outros doentes receberam tratamento no mesmo edifício. Imagino, por este fato, quão elevado deva ter sido o número de enfermos entre os habitantes da campanha, em toda a enorme extensão do município.

Sem a possibilidade de uma estatística, calculo entretanto em mais de dois mil os casos verificados nas distantes povoações de Entre Rios, Jaraguari, Rio Pardo e na cidade, sendo que somente nesta os notificações ultrapassaram de mil. O número de óbitos, na cidade, foi apenas de trinta e seis, o que atesta a benignidade com que o mal nos visitou.

Devo registrar o gesto nobre e altruístico do sr. Dr. Antonino Ferrari, enviando-me para socorro aos doentes pobres um quilograma de quinino.

Esta preciosa dádiva chegou a meu poder quando a epidemia estava já em franco declínio, o que me permitiu dividi-la com o sr. Dr. Nicolau Fragelli, intendente de Corumbá, a quem, espontaneamente, fiz oferta telegráfica, ante a virulência com que grassava ali a terrível enfermidade.

Devo ainda pôr em destaque atitude pronta, solícita e incansável do sr. Dr. José Gentil da Silva, delegado de higiene, atendendo com presteza a todos os enfermos por mim indicados, colocando-os sob seu tratamento, e fazendo visitas domiciliares não só no perímetro urbano como as zonas mais afastadas.

Os gastos totais feitos pela intendência, com os socorros por ela prestados, atingiram à soma de 4:658\$300, conforme balancete discriminativo de 30 de abril do corrente ano, publicado no periódico “Correio do Sul”.

(O MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE, 1919)

Prof. Múcio Teixeira Júnior

(Parte do depoimento a Maria da Glória Sá Rosa)

Em 1928, fui designado para chefiar a seção técnica do calçamento de Campo Grande. Fiz também nessa época os estudos de aproveitamento do ribeirão Botas para o abastecimento de água em Campo Grande. Comecei o calçamento na Rua General Melo, onde fica a estação Noroeste

do Brasil. O trabalho terminou em 1930 com a Revolução. Já tínhamos construído a 14 de Julho e todas as ruas à sua esquerda: Rio Branco, 13 de Maio, Rui Barbosa e 15 de Novembro. Chegamos até o Jardim (hoje Praça Ari Coelho) e terminamos o serviço na Avenida Afonso Pena, em frente ao quartel-general. A Juca Pirama era intransitável da Calógeras até a Cabeça de Boi. Então fiz todo o calçamento com paralelepípedos e deixei a rua inteiramente plantada de árvores.

O prefeito (nessa época denominado intendente), dr. Jônas Correia da Costa, tio do dr. Fernando, foi um grande botânico. Médico e farmacêutico, deixou de clinicar, para dar nome à farmácia de dr. Ítório Correia da Costa, seu sobrinho. Ele não teve tempo, ou vontade, de espalhar árvores em toda a Campo Grande. Foi dr. Arlindo de Andrade Gomes, que tinha gosto pela ecologia, quem arborizou nossa capital.

A cidade era um verdadeiro faroeste. Minha primeira impressão foi a de estar diante de uma morena bonita, mas muito mal vestida, descalça, cabelos desgrenhados. No tempo das águas, a lama era demais. Se fazia calor, ventava, uma poeira vermelha cobria tudo. Bandidos não faltavam. Durante a noite, aconteciam crimes pavorosos no Cascudo (bairro São Francisco) e na Rua 7 de Setembro, onde sempre tombavam dois ou três. A gente vivia de janelas fechadas, com medo das balas.

O mais engraçado é que não havia ladrões. Não me lembro de nenhum conhecido ter-se queixado de assalto, ou de roubo. A iluminação era gerada por motor, que mais parecia um palito de fósforo. Hotel bonzinho só havia um: o hotel Colombo, na Rua 14, depois fizeram um prédio na Dom Aquino, hoje demolido.

O bar Fecha Nunca (assim chamado porque estava sempre aberto ao público), na Rua 7 de Setembro, à noite, transformava-se em casa suspeita. Ali, todo dia, aparecia alguém morto. A instrução, no entanto, era bem adiantada.

Ingressei no magistério, a convite de Jaime Vasconcelos, inspetor federal do ensino secundário. Já nos conhecíamos do Rio de Janeiro e ele, sabendo da minha inclinação para o ensino, pois eu havia lecionado Matemática no Liceu de Artes e Ofícios do Rio, designou-me examinador das provas do Ginásio Municipal João Tessitori, hoje Colégio Dom Bosco.

Antes, as bancas examinadoras vinham do Rio de Janeiro. Cobravam dois mil réis por prova, dos alunos. Também, a convite de Jaime Vasconcelos, passei a lecionar Desenho, Geografia e Matemática na referida escola. Mais tarde, criou-se o Colégio Osvaldo Cruz.

Foi então que o padre diretor do Colégio Dom Bosco me chamou e me ofereceu as cadeiras que quisesse, contanto que não lecionasse no Osvaldo Cruz, que não era colégio católico. Isto, é claro, não me influenciou. Fui durante vários anos professor de Matemática do Osvaldo Cruz e, de 1933 a 1935, assumi a direção de seu internato.

Lembro-me dos professores daquele tempo, Luís Alexandre de Oliveira, Virgílio Alves Campos, que abandonou a Medicina no quinto ano e ensinava História Natural, Severino Queirós, professor de Português, que foi apelidado pelo João Tessitori de Dr. Gramática, porque insistia que sem a gramática ninguém podia escrever bem, Henrique Correia, também professor de Português.

Em 1932, quando rebentou a Revolução, eu era diretor da Escola Normal Modelo Anexa, cargo para o qual fora nomeado em 1929 pelo interventor do Estado, Antônio Mena Gonçalves. Junto com o comandante da 9ª Região Militar, Bertoldo Klinger, formamos o batalhão Visconde de Taunay e nos aquartelamos na Escola Normal. Dali, saímos para o combate. Faziam parte desse batalhão Vespasiano Martins, que foi depois governador provisório do Estado, Oliveira Melo, Artur de Vasconcelos, médico do grupo, e Arquimedes Pereira Lima, mais tarde deputado.

Lutamos em Coxim, às margens do rio, combatendo as tropas do governo federal, que vinham de Cuiabá. Depois seguimos para São Paulo e lá enfrentamos os gaúchos. Foram tempos difíceis, que me deram ânimo para continuar nessa peleja, que é a vida. No fim, nos arrebatamos, principalmente eu, que era da política de Washington Luís.

Nunca tive medo de morrer. Na Revolução, me escondi em casas alheias, dormi debaixo de chuva, pulei muros, sempre de fuzil na mão, tive até que refugiar-me durante quarenta dias no consulado português, para não ser morto. Estou certo de que a existência é uma aventura, na qual é preciso coragem, para sobreviver-se às dificuldades. Por causa da Revolução, fui exonerado do meu cargo de diretor.

Em 1935, fui nomeado para a Escola Normal Modelo Anexa de Campo Grande, cargo que exerci até 1937. Nesse mesmo ano de 1937, fundei em Campo Grande o Ateneu Rui Barbosa e fui o examinador oficial dos exames vestibulares da primeira Faculdade de Odontologia e Farmácia de Campo Grande, que fechou suas portas dois anos depois. Seu diretor e proprietário era o farmacêutico Agostinho dos Santos.

As coisas sempre me aconteceram por acaso. Como por exemplo, em 1926, em Paranaíba, quando tomei parte na revolução do senador Azeredo contra o general Caetano, que foi deposto e substituído por Camilo Soares.

Fui tratar de um assunto, na casa do Porfírio, fazendeiro, irmão de Sinhá, minha mulher. De longe, vi uma porção de gente na porta. Perguntei:

– O que é isso, tanta gente reunida?

– É que o capitão Sampaio, delegado de polícia, comandante de Santana do Paranaíba, botou pra correr esse pessoal todo. Estão todos aqui em casa, esperando reforço para voltar lá.

Alguém lembrou:

– Você, como convidado do capitão, pode ser nosso comandante.

– Mas eu não posso, não sou político.

– Tenha paciência, você já foi cadete, tem experiência militar...

Foi assim, de bobo, que entrei para a Caetanada. Quando chegamos perto de Santana do Paranaíba, o capitão Sampaio fugiu com todo o pessoal para São Paulo. Voltei pra Três Lagoas, fiquei por lá encostado três meses. Saí do governo e fiquei trabalhando como fazendeiro e medindo terras.

O mesmo aconteceu em 1933, quando fui trabalhar no Colégio Osvaldo Cruz. O capitão Carlos Correia Cardoso, professor de Matemática, precisou fazer um curso no Rio de Janeiro e me convidou, para substituí-lo, o que deu início à minha história naquele colégio.

Nunca aceitei imposições. Quando a Revolução de 32 terminou, um tenentinho idiota entrou no prédio da Escola Normal e, sem falar comigo, deu ordens a um sargento para pegar as armas que estavam recolhidas ali e levá-las para o quartel-general. Aí eu reagi:

– O senhor não leva arma nenhuma.

– O senhor pode ser preso por desacato à autoridade – ele disse.

Por sorte, estava ao meu lado o chefe do estado-maior, major Luís Pedra Júnior (apelidado Lua no Colégio Militar), que fora meu colega de turma, que responde ao tenente:

– Fique sabendo que ele é quem pode prender você. Múcio Teixeira é comandante-chefe das forças revolucionárias de Campo Grande.

Por causa de minha sinceridade, fiz inimigos, do que não me arrependo. Quando deixei o cargo de diretor da Escola Normal em 1951, o professor Alinor Bastos queria o lugar para ele. Mas a diretoria já estava prometida por dr. Fernando Correia da Costa à professora Maria Constança de Barros Machado. Um irmão de Alinor, que era deputado federal, e tinha influência política, veio procurar-me:

– Múcio, você pode pedir o cargo que quiser no Estado, com uma condição: você indica meu irmão para o cargo de diretor da Escola Normal.

– De jeito nenhum. Diretor é cargo de confiança do governo, só ele pode escolher. Confiança não se impõe, adquire-se.

A professora Maria Constança foi nomeada e o Alinor Bastos tornou-se meu inimigo para o resto da vida.

(MEMÓRIA DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO EM MS)

O município de Campo Grande

Arlindo de Andrade Gomes

Grupo escolar

Na presidência Costa Marques, o Decreto n. 308, de 26 de março de 1912, mandou criar um grupo escolar nesta cidade. Naquela época, em 1912, a nossa população escolar era maior do que a de Rosário, Poconé e Cáceres, onde o governo estabeleceu bons grupos escolares. A citada lei ficou sem execução, de maneiras que até hoje o sul não tem um grupo. Continuamos no regime de escolas isoladas, funcionando em pequenas salas impróprias, com professores interinos que se revezam a cada passo. As seis escolas estaduais na cidade, em Entre Rios, Vacaria,

Jaraguari e Rio Pardo, não têm organização. Nas dos distritos não há um móvel. A nossa população escolar é superior a mil e oitocentos indivíduos. Funcionaram no ano findo seis escolas estaduais com 197 alunos, três municipais com 67, dois colégios particulares – o Instituto Pestalozzi com 306 e a Escola Republicana com 157, e ainda onze escolas primárias particulares, na campanha, com 206 alunos. A frequência total foi de 736.

O município contratou com o Estado, por não ter havido concorrentes, a construção do edifício para o nosso grupo escolar, pelo preço de Rs 151:087\$180, sendo que o terreno também foi adquirido pela municipalidade, pelo preço de Rs 6:500\$000, na Avenida, em bom local.

Agora mesmo trabalha-se nesta obra, cuja terminação é urgente.

Pela lei orçamentária vigente foi determinado o funcionamento do grupo desde agora, em casa particular. O edifício é fornecido pelo município, com autorização orçamentária. Esta despesa, quando temos necessidades de rendas para a organização da cidade, nos força à mais rápida construção do edifício contratado com o Estado. Talvez possamos sair, se dirigido por professores competentes, da absoluta desorganização do ensino primário, ministrado nas escolas isoladas.

Há necessidade de ser fundado aqui um instituto para o curso secundário completo e escola normal, com instalações modernas, equiparado ao Liceu do Estado, devendo ter auxílio dos cofres públicos.

Cadeia pública

A cadeia pública é uma irrisão. Foi construída em 1913 pelo município com o auxílio de quatro contos de réis do Estado. Baixa, coberta de zinco, sem luz, a cair, é um foco de imundície que precisa ser demolido.

É certo que no governo Costa Marques foi aberta concorrência para a construção deste edifício público, sem resultado. De então para cá, a imprensa local, os juízes e promotores têm escrito relatórios a respeito, exigindo um edifício novo, sem resultado prático.

A criminalidade crescente e a ordem pública impõem a existência duma cadeia moderna, que poderia servir como penitenciária para as comarcas do Sul.

O terreno onde está o atual pardieiro, será demarcado e reservado para o Estado, em toda a extensão da Rua 26 de Agosto à margem do córrego Prosa.

Planta geral

A parte desde a fazenda Bandeira à Rua Rondon, subindo pela estrada de Aquidauana, tomou, pela Lei n. 55, de 2 de dezembro de 1921, a denominação de bairro Amambaí. Da Rua Rondon, para o norte, bairro da Boa Vista.

Os terrenos que ficam entre o Segredo e a Avenida Calógeras, à margem esquerda do Prosa, devem ser reservados para fins industriais, proibida a edificação para residências, por já estar ali a xarqueada, conservando o seu antigo nome de bairro do Bandeira. Os terrenos entre a Avenida Calógeras e a Rua José Antônio, à margem esquerda do Prosa, ficarão com a sua velha denominação de bairro do Prosa e a zona ao norte da Avenida Mato Grosso, de bairro do Segredo.

Arborização

Iniciamos a arborização da cidade. O trabalho começou na Rua D. Aquino, cujas condições de nivelamento mais facilitavam o novo serviço público tão reclamado e necessário.

Já em 1913, junto ao então intendente coronel José Santiago, tentamos a arborização de algumas ruas, vindo do Rio de Janeiro mais de mil árvores. Não passou dum ensaio sem proveito, restando de tudo três árvores. Os demais exemplares foram abandonados.

As primeiras árvores, para a Rua D. Aquino, foram plátanos que dão-se bem aqui e têm na sua resistência vantagens a muitas espécies nossas.

Hoje fala-se em prejuízos desta espécie vegetal, mas o assunto é demasiado teórico, para que se recuse uma espécie que ornamenta as melhores cidades.

Na Avenida, que foi dividida em duas seções, no centro plantou-se ficus Benjamin e nos passeios Grevilea, ficando as árvores no meio de gramados.

Nas Ruas 14 de Julho, Calógeras e 13 de Maio, a arborização será feita este ano, numa única linha, no centro, que será elevado alguns centímetros para isto. Este sistema está recomendado, impede o curso livre do vento e divide o trânsito com mais facilidade. O serviço de arborização destas vias públicas será feito no início deste ano.

Nas Ruas Cândido Mariano, Barão do Rio Branco e 15 de Novembro, será feita em gramados afastados quatro metros dos edifícios. Iniciamos a arborização destas ruas, aproveitando a boa época desde 1º de janeiro, com árvores nossas: marinheiro, peúva-roxa e laranjeira-brava, colhidas nas matas vizinhas.

Foram importadas do Rio e São Paulo mais de mil árvores que chegaram por menos de um terço, secando na viagem demasiadamente demorada. Apesar de só servirem para as ruas árvores de viveiros, educadas, preparadas para este fim, vamos buscar nas nossas matas espécies que se recomendam para os trabalhos a iniciar-se, e que são abundantes.

A má educação dos carroceiros tem prejudicado a arborização em alguns pontos.

Estrada de Ferro Águas Claras-Cuiabá

O problema da ligação do norte e sul do Estado não fica infelizmente resolvido com o projeto da estrada de Águas Claras. A ligação das duas grandes regiões resolver-se-ia com o traçado Cuiabá-Campo Grande ou Cuiabá-Aquidauana.

Desde o primeiro dia, Campo Grande defendeu esta idéia que encontrou formal oposição do governo passado e certa antipatia no norte. O assunto foi estudado, comentado pela imprensa e as desvantagens do traçado Águas Claras, apesar do patrocínio do nosso ilustre conterrâneo o senhor general Rondon, são conhecidas.

Avultam entre elas - enorme quilometragem, percurso em região deserta e na sua maioria inaproveitável. O traçado Campo Grande-Cuiabá corta uma zona riquíssima povoada em grande parte, muito agrícola e ligava povoados como Jaraguari e a vila de Coxim, abrindo à exploração uma região dum futuro esplêndido.

Ponta Porã, Bela Vista e Nioaque também se opuseram à idéia do traçado Águas Claras-Cuiabá. Operações de gravíssimos ônus para o Estado empobrecido nas suas finanças, ela só deve ser feita consultando os altos e verdadeiros interesses de Mato Grosso.

O governo teve pleno conhecimento do pensamento do povo sulista. Mas tudo fez-se não consultando esses interesses, mas sujeitando-se a influências outras. O aspecto financeiro da questão foi bem definido no veto do Presidente da República à resolução do Congresso que mandava auxiliar a empresa.

Bom será que o magno assunto, questão vital nossa, tome, com este aviso, o rumo verdadeiro. A estrada deve buscar o centro do sul de Mato Grosso, Campo Grande, onde em poucos anos juntar-se-á a Sorocabana e teremos ligação com Assunção e, portanto, com a Argentina.

Nós defendemos o melhor ponto de vista da questão. Se o que justifica o traçado Águas Claras é a existência de inferiores terras devolutas, para serem dadas aos concessionários, o Presidente da República notou nisto um crime, porque amanhã elas estarão em mãos de estrangeiros.

O contrato lavrado às pressas em Cuiabá merece ser conhecido do povo. A Companhia podia até organizar força de polícia! O governo atual certamente dará ao assunto melhor e mais patriótica solução.

(O MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE, 1921).

A Campo Grande

Armando da Silva Carmelo

Os córregos que tens, oh se falassem!
Cordões umbilicais de tua vida,
Diriam por que foste assim querida,
Antes que de estrelas te brilhassem.

Seriam testemunhas que provoassem,
Ouvir José Antônio em sua lida:

O esteio, a roça, a casa construída,
E ao pôr-do-sol de novo rebrilhassem.

Oh, que segredo imenso contariam:
Ao murmurar silente então diriam:
– Glória a ti, doce terra que regamos!

Prosa e Segredo, unidos divisaram,
O anseio de progresso contemplaram,
De Campo Grande a jóia que hoje amamos!

(A POESIA CUMPRIMENTA OS AMIGOS)

A ti, Campo Grande

“Pérola da Serra”

Armando da Silva Carmelo

Eu vim cair nos braços teus, senhora,
Depois de longa lua ou primavera,
Diferente por certo, a encontro agora,
Na predestinação, na outra espera.

Agora vim, se lúcido embora,
Arcado pelos anos, de outra era
Abraços vim trazer-te, que alcandora,
Com tamanha afeição, leal, sincera.

Num vislumbre de sonho e poesia,
Acode-me a lembrança o que dizia
Um homem-filósofo da terra:

“Olha, Carmelo, amada dos seus filhos,
Campo Grande, com luta e empecilhos
Vai se tornar a Pérola da Serra!”

(A POESIA CUMPRIMENTA OS AMIGOS)

Campo Grande, cidade cosmopolita

Tertuliano Amarilha

Ao forasteiro que vem
Com ares de pouco caso
Mostrando torpe desdém
Por este belo torrão,
Eu agora me comprazo
Em provar que a minha terra
Mais do que outras, encerra
Alma nobre e coração!

Todo mundo aqui desfruta
Felicidade e conforto,
Embora venha de longe
De cansaço quase morto,
Seja rico ou seja pobre,
E não é só o brasileiro,
Para todos há fartura,
Neste solo hospitaleiro!

Vemos o sírio que chega
De sua pátria distante,
Vem de longe, mas não vem
Atrás de um sonho falaz,
Ele tem plena certeza
Que esta terra é generosa;
Aqui encontrará riqueza
E viverá sempre em paz!

O japonês, o alemão,
Encontram braços abertos,
O paraguaio por certo
Nunca teve decepção;
O francês, o italiano,

O português, o argentino...
Todos encontram asilo
Neste estupendo torrão!

Tu, forasteiro, que vens
Com egoísmo e vaidade,
Beija este solo fecundo
Que proporciona alegria,
pensaste que pelas ruas
Verias somente as onças,
Mas viste... sorriso francos
Isentos de hipocrisia!

(ALMA SONORA)

O casarão da Afonso Pena

Nelly Martins

O casarão revive. E como ficou bonito.
Não é casa fina, de luxo, mas retrata a época e o arrojo de quem
sabe o que quer e sabe querer.

O casarão está em festa.

Vão-se as teias, os cupins, o mofo e as portas se abrem, de par em
par, como não acontecia há muito tempo, anos.

As portas se abrem no dia de minha mãe.

Tento senti-la presente. Ah, só tentativa...

Tanta gente, falas, luzes, música não dão espaço para devaneios e
visões.

Já era sombra, na minha memória, o velho sobrado, “o que o fogo
lambeu”... “casa velha, triste e escura”..., que “só a saudade ainda vive
nela”...

Hoje, nasce das cinzas.

“A casa no seu lugar”, como sonhei um dia.

E como ficou bonita.

Sobradão de muitas portas e janelas alinhadas, em arcos, detalhes em ferro e vidro.

Pequenas sacadas dão graça e leveza à fachada.

Abacaxis, ao alto, imitam os de porcelana.

Telhas de ardósia, vindas do velho mundo, se perderam no tempo e já não fazem falta.

Ontem: pela porta da entrada, à esquerda do prédio, estamos na sala de visitas e dá-se de frente com a velha e imponente escada em madeira. E me lembro da chapeleira, mobília austríaca, em palhinha, cadeiras de balanço e o piano alemão. Sob a escada, depósito de guardados.

Nas paredes retratos de família e um painel pintado por Lídia.

Nas janelas cortinas de filé.

No ar, acordes que emocionam, de La Madona, música do senhor da morada, o meu avô. Ele emocionava-se ao ouvi-la tocada ao piano, tocada pela filha Lídia.

Hoje: espaço para exposições de artes plásticas. A sala é grande, pé direito alto, piso com pequena sobra do antigo assoalho de tábuas corridas.

Desapareceram os móveis e o piano.

As paredes brancas receberão pinturas em telas, a sala vazia abrigará obras de arte que, temporariamente, passarão por lá.

A velha escada deu seu lugar a outra bonita e moderna, de madeira e ferro.

Ontem: A peça ao lado, que se assemelha à outra, traz a presença da família. Foi sala de jantar.

Mesa longa, cadeiras de espaldares altos, cristaleira, cadeira de balanço, filtro bojudo em suporte de ferro, relógio de parede, que hoje canta em minha sala.

Na mesa, avó Amélia, avô Baís, tia Lídia, tio Orfeu e eu, menina.

Os outros filhos já possuíam suas moradas.

Amélia, embora envelhecida, mostrava feições delicadas, belos olhos, doce sorriso. Foi a preferida. Povoei sua solidão com minhas brincadeiras, meus livros, minha amizade.

Gostava de vê-la alegre.

Avô Baís, na lembrança, me parecia figura idosa, cabelos embranquecidos, calado, olhos azuis, pele clara.

Era distante, solitário e sobretudo misterioso.

Orfeu, boa alma, simpática figura humana, se recolhera num mundo de mágoas, só seu.

Lídia, inteligente e buliçosa, no seu peculiar desequilíbrio, viveu a perseguir seus sonhos.

Artista que era, tentava crescer.

Eu a via, de jaleco branco, boina preta, palheta em punho a pintar telas e paredes, a tocar piano e a cantar com seu violão. Dedilhava ainda o acordeom e a harpa.

Eu, a menina que se transportava para o Sítio do Picapau Amarelo, de Lobato, quando corria pelo imenso quintal e convivia, com minha avó, a vida do sobradão.

Na cozinha, despensa, jardim ou quintal, eu a seguia e fazíamos biscoitos, pães, colhíamos flores e frutos, legumes, ovos e coisas mais.

Canto de sabiá, algazarra de periquitos, grito de anhumas e de angolas, cacarejar de galinhas, pio de outras aves, o latir de Milão – eram ruídos comuns no dia-a-dia.

Mas o som que mexia comigo, me enchia de alegria, na medida em que crescia me fazia correr desabalada, ao seu encontro, era o apito da maria-fumaça.

Ciente de sua beleza, ela surgia na dobra do caminho e dominava o espaço com aquele grito de dor e aflição.

Gemido de quem se consome num eterno incêndio.

Defendia-se a jogar fogo e fumo para o alto, num espetáculo que me embevecia.

Momento de espanto e encantamento.

Hoje: sala de jantar vira museu.

Na sua porta lê-se: Museu Lídia Baís e o ambiente é dela. Pequena cama onde passou seus últimos momentos, ao lado cadeira de embalar de minha avó e filtro do sobradão, no espaço nobre.

À esquerda, seu lado de pintora e à direita o canto da música: violão, harpa e duas cadeiras do casarão.

Nas paredes dois painéis: a santa Ceia e a alegoria de Joana d'Arc, a guerreira, em seu cavalo branco. O rosto da santa é o rosto de Lídia.

Sete quadros da artista, nas paredes, fazem-na mais presente. Entre eles a sagrada Ceia, na qual se vê: ela ao lado de Cristo.

Na pequena chapeleira estão os seus chapéus.

Envolvida naquele espaço ouço sua voz: "Vocês vão ficar na história por minha causa".

Todos se riam, faziam mofa dessa fala, que até hoje se repete dentro de mim.

. . .

O ontem continua dentro de mim.

A soma de ambos, ontem e hoje, trazem-me equilíbrio inesperado.

A saudade dói menos.

Cada canto guarda sua história.

(ÁGUA FRESCA)

Quadro dos sócios efetivos da Academia

Cadeira	Patrono	Titular
1	Nicolau Fragelli	Hernâni Donato
2	D. Francisco de Aquino Correia	<i>vaga</i>
3	Ulisses Serra	Heliophar Serra
4	Joaquim Duarte Murтинho	Guimarães Rocha
5	José Ribeiro de Sá Carvalho	Enilda Mongenot
6	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	Tereza Hilcar
7	José Barnabé de Mesquita	Américo F. Calheiros
8	Itúrbides Almeida Serra	Raquel Naveira
9	Mal. Mascarenhas de Morais	Frei Gregório de Pr. Alves
10	Argemiro de Arruda Fialho	José Fragelli
11	José V. Couto de Magalhães	José Couto Vieira Pontes
12	Mal. Cândido M. da S. Rondon	Orlando Antunes Batista
13	Estêvão de Mendonça	<i>vaga</i>
14	Severino Ramos de Queirós	Jorge Antônio Siúfi
15	Pandiá Calógeras	Paulo Corrêa de Oliveira
16	Rosário Congro	<i>vaga</i>
17	Eduardo Olímpio Machado	<i>vaga</i>
18	Aguinaldo Trouy	Abrão Razuk
19	João Guimarães Rosa	Maria da Glória Sá Rosa
20	Visconde de Taunay	<i>vaga</i>
21	Arlindo de Andrade Gomes	Reginaldo Alves Araújo
22	Vespasiano Martins	<i>vaga</i>
23	Sabino José da Costa	Rui Garcia Dias
24	Lobivar de Matos	<i>vaga</i>
25	Arnaldo Serra	Zorillo de Almeida Sobrinho
26	Pedro Medeiros	Adair José de Aguiar
27	Antônio João Ribeiro	Lélia R. de F. Ribeiro
28	Raul Machado	Augusto César Proença
29	Elmano Soares	José Pedro Frazão

30	Otávio Cunha Cavalcânti	Hélio Serejo
31	Henrique Cirilo Correia	Hildebrando Campestrini
32	Weimar Torres	Abílio Leite de Barros
33	Ovídio Correia	Flora Egidio Thomé
34	Tertuliano Meireles	Altevir Alencar
35	Múcio Teixeira	Rubenio Marcelo
36	Frânklin Cassiano da Silva	Lucilene Machado
37	Padre José Valentim	Francisco Leal de Queiroz
38	Enzo Ciantelli	<i>vaga</i>
39	João Tessitori Júnior	Geraldo Ramon Pereira
40	Lima Figueiredo	<i>vaga</i>

Diretoria (2003-05)

Presidente: Reginaldo Alves de Araújo.

Secretário-Geral: Rubenio Marcelo.

Secretário: José Pedro Frazão.

Tesoureiro: Guimarães Rocha.

Segundo tesoureiro: Augusto César Proença.